



UniCEUB – Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde – FACES
Curso de Psicologia

Transposição entre Repertórios de Falante e Ouvinte em Adultos

Sarah De Moraes Simões

20767512

Brasília

Dezembro/2012

Sarah de Moraes Simões

Transposição entre Repertórios de Falante e Ouvinte em
Adultos

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de Psicologia do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Augusto de Medeiros.

Brasília

Dezembro/2012



UniCEUB – Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde – FACES
Curso de Psicologia

Folha de Avaliação

Sarah de Moraes Simões

Transposição entre Repertórios de Falante e Ouvinte em Adultos

Dezembro de 2012

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

(Dr. Carlos Augusto de Medeiros)

(Rodrigo Gomide Baquero)

(Michela Rodrigues Ribeiro)

A menção final obtida foi:

SS

Brasília

Dezembro/2012

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais que sempre foram referência de carinho, amor e educação, além de, tornarem possível minha educação desde a pré-escola à graduação.

Aos meus irmãos, pela paciência que tiveram comigo durante esses anos, como também, por cobrarem de mim responsabilidade e comprometimento com a minha escolha profissional.

À minha família por me mostrarem que é preciso passar por todas as fases da vida, isso inclui o “bicho de sete cabeças” que é a monografia, para depois olhar para trás com orgulho e saudade.

Agradeço ainda ao meu orientador Carlos Augusto de Medeiros, o qual foi fundamental no andamento deste estudo, sempre disposto a me orientar e a escutar meus questionamentos. Obrigada por acreditar em mim, pelo ensino que você me proporcionou, e por exigir cada vez mais, pois vejo o quanto melhorei nesses semestres que trabalhamos juntos.

Aos meus amigos eu agradeço o colo, a escuta e o companheirismo que sempre demonstraram comigo. Agradeço também, pelo esforço que fizeram de entender do que se tratava este trabalho, por escutarem minhas ideias, e por discutirem comigo conceitos da área comportamental.

Obrigada a todos os psicólogos que tive contato durante esses anos de graduação e que contribuíram com a minha formação, vocês são grandes exemplos de profissionais que levo comigo.

Aos participantes da presente monografia, muito obrigada por me apoiarem e por aceitarem fazer parte desta pesquisa. Sem vocês eu não conseguiria desenvolver uma pesquisa de qualidade.

Agradeço a banca, por disporem de seu tempo e virem assistir ao meu trabalho de conclusão de curso no qual muito me dediquei.

A Deus agradeço a vida e a oportunidade de comemorar mais uma conquista ao lado de pessoas queridas.

Sumário

Lista de Figuras	vi
Lista de Tabelas	viii
Resumo	ix
Introdução.....	1
Capítulo 1. Comportamento Verbal	3
Capítulo 2. Dependência e Independência Funcional	8
Estudos correlatos: mando/tato	9
Estudos correlatos: ouvinte/falante	15
Capítulo 3. Objetivo da pesquisa.....	21
Metodologia da pesquisa	23
Participantes.....	23
Local	23
Materiais e equipamentos	23
Procedimento	23
Treino Ecóico.....	28
Treino no Repertório de Ouvinte	28
Treino do Repertório de Falante	29
Teste Ouvinte	31
Teste Falante	32
Resultados.....	34
Grupo Ouvinte – Falante.....	35
Grupo Falante – Ouvinte.....	43
Independência/Dependência Funcional	51
Discussão	53
Conclusão	62
Referências Bibliográficas.....	64

Lista de Figuras

Figura 1. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Marina durante os treinos das três fases experimentais.

Figura 2. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Marina durante os testes das três fases experimentais.

Figura 3. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Júlia durante os treinos das três fases experimentais.

Figura 4. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Júlia durante os testes das três fases experimentais.

Figura 5. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Daniela durante os treinos das três fases experimentais.

Figura 6. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Daniela durante os testes das três fases experimentais.

Figura 7. Tentativas incorretas apresentadas pelo participante Lucas durante os treinos das três fases experimentais.

Figura 8. Tentativas incorretas apresentadas pelo participante Lucas durante os testes das três fases experimentais.

Figura 9. Tentativas incorretas apresentadas pelo participante Pedro durante os treinos das três fases experimentais.

Figura 10. Tentativas incorretas apresentadas pelo participante Pedro durante os testes das três fases experimentais.

Figura 11. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Cíntia durante os treinos das três fases experimentais.

Figura 12. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Cíntia durante os testes das três fases experimentais.

Figura 13. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Bianca durante os treinos das três fases experimentais.

Figura 14. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Bianca durante os testes das três fases experimentais.

Figura 15. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Cristina durante os treinos das três fases experimentais.

Figura 16. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Cristina durante os testes das três fases experimentais.

Figura 17. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Marta durante os treinos das três fases experimentais.

Figura 18. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Marta durante os testes das três fases experimentais.

Figura 19. Tentativas incorretas apresentadas pelo participante Joaquim durante os treinos das três fases experimentais.

Figura 20. Tentativas incorretas apresentadas pelo participante Joaquim durante os testes das três fases experimentais.

Figura 2. Tentativas incorretas apresentadas pelo participante Gustavo durante os treinos das três fases experimentais.

Figura 22. Tentativas incorretas apresentadas pelo participante Gustavo durante os testes das três fases experimentais.

Figura 23. Tentativas incorretas apresentadas pelo participante Rodrigo durante os treinos das três fases experimentais.

Figura 24. Tentativas incorretas apresentadas pelo participante Rodrigo durante os testes ao longo das três fases experimentais.

Lista de Tabelas

Tabela 1. Procedimento completo do grupo Ouvinte – Falante

Tabela 2. Procedimento completo do grupo Falante – Ouvinte

Tabela 3. Dependência e independência funcional apresentada pelos participantes nos testes colaterais

Resumo

A presente monografia teve como objetivo: verificar a dependência ou independência funcional, como também, a transposição entre repertórios de comportamentos verbais, falante e ouvinte, em adultos; além de verificar se os treinos sucessivos exercem influência sobre a transposição de repertórios. Skinner (1957/1978) chama de independência funcional entre operantes o fato de determinada topografia treinada em uma função, como por exemplo, a função de falante, não ser emitida automaticamente em outra função como a de ouvinte. O estudo foi aplicado em 12 participantes com idade média de 30 anos. Dividiram-se os participantes em dois grupos experimentais: Grupo Ouvinte – Falante e Grupo Falante – Ouvinte. O Grupo Ouvinte – Falante recebeu treino no repertório de ouvinte, seguido pelo teste colateral de falante, treino de falante e depois, teste de ouvinte e teste de falante. O Grupo Falante – Ouvinte realizou o experimento na ordem inversa. A aplicação foi dividida em três fases experimentais, sendo utilizados cinco cartões com imagens de paisagem em cada fase. Cada fase experimental foi realizada em um dia, por três dias consecutivos. Todos os participantes foram submetidos às mesmas etapas dentro do estudo. Antes que se iniciasse a aplicação, foi realizado treino ecóico com os participantes. Durante o estudo os participantes foram treinados a responder ora como ouvintes e ora como falantes, ao experimentador. Dentre os resultados apresentados, (1) percebe-se a possibilidade de realizar estudo sobre a independência funcional tendo como participantes adultos; (2) a ocorrência de dependência e independência funcional no Grupo Ouvinte – Falante e dependência funcional em todos os participantes do Grupo Falante – Ouvinte; (3) efeito de treinos sucessivos na aprendizagem de novos repertórios comportamentais; (4) o aumento no repertório verbal e não verbal ao realizar o treino de falante, enquanto que o treino de ouvinte propiciou aumento apenas no repertório não verbal.

Palavras chave: Dependência funcional, independência funcional, falante, ouvinte.

Estudos relacionados à independência funcional realizados anteriormente têm como participantes crianças no início da fase escolar ou com desenvolvimento atípico que deveriam responder ao experimentador utilizando tato ou emitindo mandos, ou então, se comportando ora como ouvintes e ora como falantes. Sendo o objetivo principal verificar a existência ou não de dependência funcional na aprendizagem de tais repertórios comportamentais.

A presente pesquisa de monografia analisou a relação funcional entre os comportamentos de falantes e ouvintes, tendo como participantes adultos com desenvolvimento típico. Coube ao participante responder o experimentador como falante, utilizando nomes inventados, sem significado prévio, para determinadas imagens, sendo estas de cidades, fazendas e praias, mostradas durante o estudo. E em outro momento, responder como ouvinte ao pegar as imagens solicitadas pelo experimentador. Foram utilizadas no estudo palavras trissílabas inventadas e sem significado prévio.

Assim como pesquisas realizadas anteriormente, este estudo teve o objetivo de verificar a dependência ou independência funcional, como também, a transposição entre repertórios de comportamentos verbais, falante e ouvinte, em adultos. Ou seja, foi analisado se adultos, apesar de possuírem um repertório mais amplo, ao serem treinados como ouvintes conseguiram realizar o comportamento como falantes, e se, adultos treinados como falantes, foram capazes de realizar o comportamento como ouvintes sem que ocorresse um treinamento direto da segunda função verbal, além de verificar se os treinos sucessivos exerceram influência sobre a transposição de repertórios.

Com base em resultados de pesquisas a cerca deste assunto torna-se possível discutir e avaliar qual a melhor forma de trabalhar a aprendizagem de novos conhecimentos, como por

exemplo, aquisição de outras línguas, “Por meio de treino direto ou por meio de transposição de repertórios? Neste caso, qual o melhor repertório a ser treinado primeiro, de ouvinte ou de falante?” Possibilitando aos educadores que compreendam como a transposição entre repertórios comportamentais ocorre, o que torna possível que novas estratégias de ensino sejam traçadas.

Nesta monografia, será abordado no primeiro capítulo o conceito de comportamento verbal, ou seja, o que vem a ser o comportamento verbal, quais suas características e, no que ele se diferencia do não verbal. Ainda neste capítulo são apresentadas definições das funções verbais mando e tato, como também, os repertórios comportamentais de falante e ouvinte, com a finalidade de que o leitor tenha conhecimento de suas características e consiga diferenciá-los. Já no segundo capítulo, serão introduzidas, noções de dependência e independência funcional e como pode vir a ocorrer à transposição entre os repertórios apresentados. Constam ainda neste capítulo, tópicos com estudos empíricos afins que investigaram a relação de dependência e independência funcional entre o mando e o tato e, assim como na presente monografia, estudos correlatos que desenvolveram sua pesquisa a fim de investigar a dependência e independência funcional entre os repertórios de ouvinte e falante. No terceiro capítulo, encontram-se os objetivos e hipóteses da pesquisa desenvolvida, seguida pela metodologia, que será abordada no quarto capítulo, contendo o procedimento e delineamento utilizado no desenvolvimento da pesquisa. Logo, por meio de figuras e tabelas, tem se os resultados apresentados pelos participantes no capítulo cinco. Seguida pela análise e discussão realizada tendo como base os resultados da presente pesquisa correlacionando-os com outros estudos desenvolvidos acerca deste tema no sexto capítulo.

Capítulo 1. Comportamento Verbal

Skinner (1957/1978) define o comportamento verbal como aquele que por meio de consequências mediadas por outros indivíduos se mantém e estabelece. Dessa forma, para Skinner, o comportamento verbal é operante, agindo sobre o meio e sofrendo alterações de acordo com as consequências das modificações do meio ambiente proporcionadas por um ouvinte. Assim como qualquer outro comportamento, o comportamento verbal possui função adaptativa ao organismo, permitindo-o entrar em contato com reforçadores positivos ou negativos. Desse modo, o comportamento verbal deve ser analisado de acordo com a relação funcional existente entre o próprio comportamento e o meio em que se insere.

Pode-se dizer que o que diferencia o comportamento verbal do comportamento não verbal é o fato de o primeiro não apresentar relação direta com o meio (Medeiros, 2002). De acordo com Medeiros (2002), no comportamento verbal, ouvinte e falante foram treinados em uma mesma comunidade verbal.

Entende-se como falante aquele que emite o comportamento verbal, sendo tal comportamento selecionado em uma história de condicionamento, no qual o mesmo foi emitido e reforçado diferencialmente. E o ouvinte é definido como aquele o qual irá responder aos comportamentos do falante, ou seja, irá responder a estímulos antecedentes de forma discriminada devido ao seu treino dentro da comunidade verbal (Skinner, 1957/1978).

O comportamento do falante antecede o comportamento do ouvinte, exercendo funções discriminativas e estabelecedoras sobre o seu comportamento. Já o ouvinte provê as consequências ao comportamento do falante ao modificar o ambiente por ele. Ou seja, o comportamento verbal do falante será reforçado pelo ouvinte, uma vez que o ouvinte irá agir de acordo com o estímulo discriminativo apresentado pelo falante, e o falante, por sua vez, emite reforços verbais para o comportamento do ouvinte com “obrigado!”, por exemplo

(Skinner, 1957/1978).

De acordo com Skinner (1957/1978), o comportamento verbal é o efeito de vários determinantes, desta forma, se um sujeito é treinado a emitir respostas como falante, não necessariamente este mesmo sujeito conseguirá emitir respostas como ouvinte sob o controle das mesmas palavras que emitiu como falante, ou vice-versa. No entanto, pressupõe-se que, quanto maior for o nível de exposição e interação com o ambiente verbal maior será o repertório comportamental adquirido pelo sujeito (Skinner, 1957/1978). Assim, para Medeiros (2002), adultos, por apresentarem um repertório comportamental mais extenso, têm uma maior probabilidade de realizar a transposição entre os repertórios verbais, o que não ocorre com tanta frequência em crianças devido a pouca exposição ao meio verbal.

Algumas vezes, nota-se que expressões utilizadas dentro da comunidade verbal possuem fonemas iguais e significados diferentes, o que torna necessário que a análise do comportamento considere quais relações de controle estão envolvidas em cada operante verbal (Mousinho, Córdova, Lage, & Ribeiro, 2004). Comportamentos verbais são mais bem definidos pelo seu uso ou função, uma vez que a análise do comportamento verbal é funcional, e não topográfica. Para Skinner (1957/1978), o significado de uma palavra é visto como função das relações de controle nos variados operantes envolvidos.

A vantagem de se realizar a análise funcional do comportamento verbal é que a mesma permite um entendimento das condições que alteram a probabilidade de emissão de um comportamento. Análises topográficas, por outro lado, descrevem a forma na qual um comportamento é emitido. No entanto, indivíduos emitem comportamentos com a mesma topografia sob o controle de variáveis distintas. Por esse motivo, não há como utilizar uma descrição topográfica que abarque todos os usos de um determinado comportamento. Quando uma mulher diz estar deprimida, por exemplo, a fala dela pode ter diferentes funções. Ela pode estar se esquivando do trabalho, ou então, querendo atenção de sua família. Caso analise

apenas a fala dessa mulher não é possível entender o comportamento emitido, é preciso analisar, também, os antecedentes e consequentes presentes na emissão deste comportamento.

Em se tratando da aprendizagem de operantes verbais, Mousinho e cols. (2004) defendem a tese de Skinner ao dizer que é necessário descrever as relações de controle de forma separada nos diferentes operantes para que o próprio indivíduo amplie seu repertório verbal, considerando que há diferentes relações funcionais envolvidas e que a própria aquisição dos operantes ocorre de forma separada. Ou seja, uma vez que o indivíduo adquira o repertório verbal de falante, não significa que o mesmo conseguirá se comportar como ouvinte mesmo que a topografia utilizada seja semelhante, embora, indivíduos com repertório comportamental amplo possam vir a realizar a transferência entre os repertórios de falante e ouvinte (Lage, Mousinho, Córdova, & Ribeiro, 2004).

Skinner (1957/1978) divide os comportamentos verbais em sete classes com base em sua topografia e relação de controle, sendo trabalhadas no presente estudo apenas três: ecóico, mando e tato.

No comportamento ecóico ou de repetição, que é um tipo de comportamento verbal, é possível notar um comportamento que se encontra sob o controle de um determinado estímulo verbal vocal, tendo como resposta um som semelhante ao do estímulo, ou seja, há uma semelhança entre o som do estímulo e o som da resposta (Skinner, 1957/1978). O desenvolvimento do comportamento ecóico ou de repetição é importante também para se estabelecer outras relações verbais, como tatos e mandos, por exemplo (Ribeiro, Lage, Mousinho & Córdova, 2004).

Skinner (1957/1978) define mando como um comportamento verbal reforçado por uma consequência específica, e se mantém sob o controle funcional de privação ou estímulo aversivo. No mando encontra-se a operação estabelecadora, a qual aumenta o valor reforçador

de um grupo de respostas momentaneamente. Já o tato é definido por Skinner como o operante verbal sob o controle de estímulo discriminativo não verbal (antecedente ao tato) e é mantido por reforços generalizados (consequente ao tato). Por exemplo, quando um cliente de um restaurante diz “Traga-me um suco de laranja”, ele emite um mando, a consequência é específica – a obtenção do suco de laranja. O garçom por sua vez emitirá um comportamento de ouvinte discriminado ao trazer o suco de laranja, e poderá ter seu comportamento mantido e reforçado por meio de reforços generalizados – a atenção ou agradecimento do cliente. Ao receber o suco o cliente poderá emitir um tato ao dizer “Hum, o suco está uma delícia!”.

Para uma melhor compreensão, define-se a operação estabelecadora como, uma condição a qual modificará momentaneamente o valor reforçador de um grupo de respostas, tornando possível estabelecer determinada consequência como reforçadora (Miguel, 2000). Por exemplo, em um dia seco e sem umidade um copo de água terá seu valor reforçador aumentado, porém, após o sujeito saciar sua sede, um copo de água não será mais reforçador. Ou seja, a privação da água (OE) em um dia seco altera o valor da água naquele momento tornando-a um estímulo reforçador.

Entre as operações estabelecadoras é possível diferenciar operações estabelecadoras condicionadas e operações estabelecadoras incondicionadas (Miguel, 2000). Sendo as últimas definidas segundo a espécie (filogenética), enquanto as condicionadas são definidas de acordo com a história de reforçamento de cada organismo (ontogenética) (Miguel, 2000). Na presente pesquisa será utilizada a operação estabelecadora condicionada transitiva, na qual um estímulo discriminativo (S^1) controla uma resposta (R^1) que só pode ser emitida na presença de outro estímulo discriminativo (S^2) (Miguel, 2000). Como por exemplo, o pneu furado (S^1) controla a resposta do indivíduo de trocar o pneu (R^1) na presença do estepe (S^2). Assim, o pneu furado (S^1) estabelece função reforçadora condicionada na presença do estepe (S^2) para a resposta de trocar o pneu (R^1). Logo, o pneu furado exercerá a função de OEC Transitiva e o

estepe a função de estímulo reforçador condicionado condicional, ou seja, na condição do pneu furado (OEC Transitiva) o estepe (estímulo reforçador condicionado condicional) terá seu valor reforçador aumentado naquele momento.

Capítulo 2. Dependência e Independência Funcional

Para Skinner (1957/1978), os operantes verbais são funcionalmente independentes entre si, na medida em que são controlados por variáveis ambientais distintas. Dessa forma, Skinner chama de independência funcional entre operantes o fato de determinada topografia treinada em uma função, como por exemplo, a função de falante, não ser emitida automaticamente em outra função como a de ouvinte.

Para um melhor entendimento, um exemplo de independência funcional ocorre quando um sujeito que recebe o treino para falar em outra língua que não a sua de origem, mas não consegue compreender a mesma língua ao escutar uma música, ou seja, o sujeito consegue se comportar como falante, mas não consegue realizar a transposição entre os repertórios e se comportar como ouvinte. Imagine um sujeito na bilheteria do show do U2, ele é capaz de se comportar como falante ao solicitar um ingresso para comprar “Please a ticket to the U2 concert”, porém, não consegue se comportar como ouvinte pois não compreende o que a letra da música diz “See the stone set in your eyes. See the thorn twist in your side. I wait for you.”

Considerando a aprendizagem de repertórios verbais distintos seguindo o pressuposto de independência funcional de Skinner, há a necessidade de treino direto para cada função verbal, tornado possível, posteriormente, que topografias semelhantes sejam emitidas em diferentes funções verbais, como por exemplo, ouvinte e falante (Skinner, 1957/1978).

Córdova (2008) aponta o fato de a independência funcional não se manter por tempo indefinido, tendo em vista, que na medida em que ocorrem novos treinos com topografias semelhantes em funções distintas, o sujeito é capaz de realizar a transposição entre os repertórios verbais. Assim, a independência cede lugar para a dependência funcional. Ainda de acordo com Córdova (2008), a dependência funcional ocorre por meio da emissão de repertórios de transposição entre operantes com a mesma topografia em funções diferentes

sem que ocorra treinamento específico para a nova função.

Medeiros (2002) menciona estudos em independência funcional que tentaram demonstrar independência entre os comportamentos do falante e do ouvinte.

Segundo a noção de independência funcional, quando uma criança aprende um novo tato com uma palavra, não necessariamente seria esperado que esta aprendesse um responder discriminado de ouvinte em relação à mesma palavra. Da mesma forma, uma vez treinado um comportamento do ouvinte para uma palavra, não seria esperada emissão de mando ou um tato com a mesma palavra sem um treino direto (Medeiros, 2002, p. 167).

Ainda de acordo com Medeiros (2002), muitos métodos tradicionais ensinam apenas uma função de resposta verbal, contando com o surgimento automático da outra a partir da ensinada, tendo em vista que seria mais eficiente treinar as diferentes categorias funcionais e o comportamento do ouvinte a cada palavra. Um exemplo possível de ser encontrado facilmente na comunidade verbal é utilização de diversas línguas. Algumas pessoas são treinadas a escrever em outra língua que não seja a sua língua nativa, mas não possuem o domínio para realizar uma leitura nessa mesma língua. Ou então, são treinadas em comportamentos de ouvinte em outra língua, e não conseguem emitir comportamentos de falante em tal língua.

Estudos correlatos: mando/tato

Alves e Ribeiro (2007) realizaram um estudo o qual teve como objetivo investigar as relações de dependência e independência funcional entre tato e mando, com a mesma topografia. Dessa forma, realizaram-se treinos múltiplos na ordem tato/mando. O estudo realizado por Alves e Ribeiro, contou com a participação de seis crianças com dois anos e cinco meses e quatro anos e um mês de idade, tais participantes foram escolhidos tendo como base a frequência na escola e o consentimento dos responsáveis. O estudo foi realizado na

própria escola, em uma sala arejada e silenciosa e com a utilização de um computador portátil, o qual possuía um software programado em linguagem JAVA.

O estudo contava com uma fase pré-experimental que tinha como objetivo treinar os repertórios básicos de ouvinte e falante, sendo este, composto por treino ecóico das topografias LET e ZUT, as quais não possuíam significado prévio para os participantes. Também foi realizado nesta fase o treino de apontar e nomear os personagens utilizados no estudo. E fases experimentais, com objetivo de treinar operantes verbais e verificar o surgimento colateral do outro operante. Primeira fase, treino de tato e teste de mando; segunda fase, treino de mando e teste de tato e terceira fase, treino de tato invertido seguido por teste de inversão de mando.

Em cada fase experimental eram utilizados dois personagens conhecidos pelos participantes, como por exemplo, Mônica e Cebolinha. Cabia ao participante emitir um tato ou mando relatando qual a posição ocupada pelo personagem, sendo a resposta considerada correta quando o participante verbalizava LET (direita) ou ZUT (esquerda).

Durante os treinos os comportamentos dos participantes eram reforçados verbalmente e por meio de fichas coloridas, além de reforços emitidos pelo próprio sistema de software, aonde respostas corretas eram reforçadas por um smile sorrindo e um fundo verde. Já as respostas erradas eram corrigidas pelo experimentador e na tela do computador aparecia um smile pensativo e um fundo vermelho. Durante os testes, não ocorria nenhum tipo de reforço para o comportamento do participante.

Alves e Ribeiro (2007), abordaram algumas variáveis que podem ter facilitado, ou não, a aprendizagem dos operantes verbais como: treinos múltiplos, exigência da comunidade verbal para com cada participante do estudo, idade dos participantes e o próprio sistema informatizado utilizado na coleta de dados.

Em seus resultados, Alves e Ribeiro (2007), notaram que durante a fase pré-experimental todos os participantes atingiram o critério estabelecido. Na primeira fase experimental, ocorreu tanto dependência como independência funcional, tendo em vista que quatro participantes apresentaram dependência funcional e dois participantes apresentaram independência. Já na segunda fase, observa-se a manutenção do treino e dependência funcional em todos os participantes. Na terceira fase, ocorre à presença de dependência funcional na maioria dos participantes, apenas um participante apresentou independência funcional. É possível observar no participante que não conseguiu realizar a transposição uma melhora em seu desempenho dentro do estudo, uma vez que na primeira fase foi preciso 19 tentativas para alcançar o critério estabelecido e na terceira fase 13 tentativas.

Córdova (2008) realizou um estudo, o qual tinha como objetivo pesquisar o efeito de treinos sucessivos dos operantes verbais mando e tato com a mesma topografia sobre o desempenho em uma nova topografia de respostas; como também, verificar se a ordem dos treinos influencia o desempenho dos participantes na aquisição do outro operante verbal.

Os participantes utilizados no estudo eram crianças com idades entre dois e três anos. Os participantes foram divididos em dois grupos, os quais se diferenciavam pela ordem do treino a ser realizado, mando – tato (Grupo 1) e tato – mando (Grupo 2). O experimento foi realizado em um aparato em formato de casa dividida em duas partes e com espelho unilateral. De uma parte ficava posicionado o experimentador e do outro o participante. Foram utilizados pares de bonecos imantados, os quais eram manipulados pelo experimentador de acordo com as respostas emitidas pelo participante e a fase no qual ele se inseria.

Antes que o experimento fosse iniciado, o participante recebia o treino de apontar, nomear e ecóico. Todos os participantes passaram por esta etapa e foram bem sucedidos. No treino ecóico foram treinadas as respostas utilizadas no experimento que seriam consideradas

como corretas: LET, ZUT, CAT e POT. Nos treinos, ao emitir uma resposta correta, o comportamento do participante era reforçado por meio de fichas, que seriam trocadas posteriormente por brindes, e por meio de reforço social emitido pelo experimentador “muito bem!”, “parabéns!” Já nos testes colaterais o participante não recebia nenhum tipo de reforço, sendo as respostas emitidas colocadas em extinção.

Na primeira fase do primeiro grupo experimental Mando – Tato, o participante recebia o treino para emitir um mando para que o experimentador deslocasse o boneco para LET (esquerda) ou ZUT (direita) do outro boneco. Em seguida era verificado se o participante conseguia tatear a posição de um boneco em relação a outro boneco (teste em extinção). Depois, o participante recebia o treino no operante tato. Na segunda fase experimental o participante recebia o treino de mando, seguido pelo teste colateral de tato e depois treino de tato, porém as respostas consideradas corretas eram CAT (frente) e POT (atrás).

No grupo experimental Tato – Mando o experimento foi aplicado na ordem inversa. Ou seja, o participante deveria tatear a posição do boneco em relação ao par do boneco, sendo as respostas consideradas corretas LET/ZUT (primeira fase) e CAT/POT (segunda fase). Após o treino de tato era realizado o teste colateral de mando, no qual o participante deveria emitir um mando para que o experimentador deslocasse o boneco para LET ou ZUT. Em seguida realizava-se o treino de mando.

O critério estabelecido para que se considerasse dependência funcional era que o participante conseguisse emitir respostas no operante secundário o qual não foi treinado de forma direta com um novo par de bonecos em dois testes consecutivos. Cada bloco de respostas era composto por quatro tentativas de respostas, sendo duas para LET e duas para ZUT.

De acordo com os resultados apresentados por Córdova (2008), na primeira fase

experimental todos os participantes, de ambos os grupos experimentais, apresentaram, no primeiro par de bonecos repertórios funcionalmente independentes. No entanto, no grupo mando – tato, o treino realizado foi mais extenso e com um menor número de pares de bonecos necessários para que se alcançasse o critério. Já no grupo tato – mando o treino foi realizado de forma mais rápida, porém, com maior número de pares de bonecos. As respostas incorretas emitidas pelos participantes eram respostas genéricas. No decorrer do experimento as respostas genéricas diminuíram de frequência em detrimento de respostas específicas.

Ainda na primeira fase experimental, 80% dos participantes de ambos os grupos experimentais necessitaram de um treino mais extenso no primeiro operante treinado do primeiro par de bonecos, sendo a extensão do treino menor em cada par subsequente. Com exceção de um participante do grupo mando – tato, os demais participantes não emitiram respostas corretas no teste do primeiro par de bonecos. Na medida em que esses participantes eram expostos a novos pares de bonecos suas respostas durante os testes eram aprimoradas.

Na segunda fase experimental três participantes do grupo mando – tato apresentaram dependência funcional já no primeiro par de bonecos. Já no grupo tato – mando, dois participantes apresentaram dependência funcional no primeiro par de bonecos. No entanto, os demais participantes deste grupo continuaram emitindo as repostas da fase anterior LET/ZUT não sendo possível afirmar que houve independência funcional. Dois desses participantes apresentaram dependência funcional no segundo par de bonecos. Segundo Córdova (2008), todos os participantes precisaram de um menor número de pares de bonecos para completar a segunda fase experimental se comparados com o desempenho deles apresentado na primeira fase.

Medeiros e Bernardes (2009) realizaram um estudo que tinha como objetivo investigar condições de treino que favorecem o estabelecimento do repertório de transposição entre os comportamentos verbais mando – tato quanto às posições direita – esquerda (fase um), na

frente – atrás (fase dois) e em cima – embaixo (fase três). Para a realização do estudo, os autores utilizaram inicialmente a metodologia desenvolvida por Lee (1981, citado em Medeiros & Bernardes, 2009), aonde foram investigadas relações de dependência e independência funcional entre os repertórios de mando e tato quanto às posições relativas de objetos. Os participantes do estudo eram crianças com idades entre três anos e dez dias e três anos e seis meses. Utilizou-se um aparato experimental, seis pares de bonecos em forma de animais, um minijarro de metal, fichas coloridas, uma lojinha montada em um canto da sala, papel, caneta, gravador digital e cronômetro.

O experimento aplicado por Medeiros e Bernardes (2009) contava com três fases e um pré-treino. No pré-treino estabelecia-se o repertório mínimo, treino de apontar, nomear e ecóico. As posições utilizadas na fase um - LET/ZUT (direita / esquerda), na fase dois - CAT/POT (para frente / para trás) e na fase três - MUT/FIT (para cima / para baixo), em cada fase ocorria o treino de mando, seguido pelo teste de tato e logo após o treino de tato. Durante os treinos, o participante recebia reforços verbais e não verbais (fichas) ao emitir respostas corretas e era corrigido pelo experimentador ao emitir respostas erradas. Nos testes o comportamento do participante não era reforçado, independente da emissão de respostas corretas ou incorretas. Durante o mando o experimentador sempre colocava o objeto do experimento na posição errada (uma vez) para que o participante notificasse a falha do experimentador. Ao término da aplicação, o participante ia até a lojinha montada no canto da sala e trocava suas fichas por “mercadorias”.

Os resultados apresentados por Medeiros e Bernardes (2009) mostraram que três participantes foram retirados do experimento, duas por não apresentarem o critério estabelecido no repertório mínimo e um retirou-se voluntariamente do experimento. Dos quatro participantes, Maria e Alessandra apresentaram a transposição entre os operantes de mandos e tatos logo na primeira fase experimental, enquanto João e Breno apresentaram uma

melhora no desempenho no decorrer das fases. João precisou de um menor número de pares de bonecos na terceira fase experimental com relação às fases anteriores. Já Breno apresentou melhora da primeira para a segunda fase, na qual diminuiu o número de par de bonecos necessários para se atingir o critério de quatro para três, mantendo esse número de par de bonecos na terceira fase. Foi possível observar uma grande variabilidade de desempenho entre os participantes no treino mando/tato nas posições esquerda/direita. Porém, a variabilidade diminuiu na medida em que os participantes foram passando de uma fase para outra. No participante João, percebe-se um decréscimo no número de tentativas incorretas nos blocos de treinos ao realizar uma comparação entre os primeiros pares de bonecos de cada fase experimental.

De acordo com Skinner (1957/1978, citado em Medeiros & Bernardes, 2009), a queda do número de tentativas incorretas para cada novo par de bonecos dentro de uma mesma fase, assim como, os treinos sucessivos favorecem a transposição dos repertórios de mando e tato para novos estímulos. Os efeitos de treinos sucessivos foram muito mais claros quando analisados dentro de uma mesma fase, que em fases diferentes. Os tatos genéricos foram reduzidos no decorrer de uma fase para outra, devido ao fato de os participantes terem sido condicionados nas fases anteriores.

Estudos correlatos: ouvinte/falante

No estudo apresentado por Lee (1981, citado em Mousinho & cols., 2004), investigou-se a relação de independência funcional entre o comportamento verbal (falante) e não verbal (ouvinte), foram realizados três experimentos neste estudo. A fim de analisar o comportamento verbal de falante, Lee colocava objetos na esquerda ou na direita de outro objeto. Sendo a resposta treinada, de acordo com a posição do objeto, esquerda/direita. Enquanto que para analisar o comportamento não verbal de ouvinte, cabia ao participante

colocar o objeto à esquerda/à direita de outro objeto, seguindo o comando do experimentador (Lee, 1981 citado em Mousinho e cols., 2004).

No primeiro experimento, foi ensinado aos participantes a tatear e nomear os objetos, além de testar a emissão de comportamento de ouvinte em relação às respostas esquerda/direita, como mencionado anteriormente. Depois um participante foi treinado a emitir respostas não verbais (ouvinte) de colocar objetos em uma determinada posição, sendo as respostas verbais testadas. Já o outro participante foi treinado a emitir respostas verbais (falante) de nomear objetos, seguido do teste de respostas não verbais. Desta forma, em cada etapa desta condição, foram reforçadas respostas de um repertório, enquanto o outro repertório foi testado e chamado de colateral. Dando continuidade ao processo, houve o treino invertido do repertório de ouvinte e de falante, para exemplificar, era solicitado ao participante que colocasse o objeto à esquerda de outro, no treino de respostas não verbais ele deveria colocar o objeto à direita de outro, ou seja, esquerda virava direita e direita virava esquerda.

Os resultados apresentados por Lee (1981, citado em Mousinho & cols., 2004), mostraram que ao reforçar respostas verbais padrão ou invertida, os números dessas respostas tiveram aumento tanto no repertório verbal como no não verbal. Mas, ao reforçar respostas não verbais, somente o repertório não verbal foi influenciado. De acordo com Córdova, Lage e Ribeiro (2007), houve uma transferência unidirecional e relacionada aos repertórios iniciais dos sujeitos participantes, lembrando que após o participante receber o treino tanto no repertório de falante como no repertório de ouvinte, as mudanças reforçadas no comportamento do falante influenciaram nas mudanças colaterais do ouvinte, porém, o contrário não aconteceu.

No segundo experimento foram utilizadas as mesmas crianças como participantes, porém utilizaram-se as palavras atrás/frente. Os resultados do primeiro e do segundo

experimento de Lee (1981) foram semelhantes. Em seu terceiro experimento, Lee (1981, citado em Mousinho & cols., 2004) utilizou outras quatro crianças, para verificar o efeito de reforço de respostas verbais sobre respostas não verbais e se tal efeito poderia ser emitido entre dois ou mais pares de frases para cada criança participante. O procedimento do terceiro experimento foi semelhante ao do primeiro, porém, acrescentaram-se as relações antes/depois e acima/abaixo às relações esquerda/direita e frente/atrás. De acordo com os resultados, durante os treinos de respostas verbais não houve aumento no número de respostas não verbais.

Lee (1981, citado em Mousinho & cols., 2004) afirma que, para ela, não existem elementos comuns capazes de mediar uma generalização entre os repertórios verbais, sendo as respostas verbais e não verbais pertencentes a duas classes distintas de topografia. Lee afirma também a existência de uma distinção entre adquirir novas topografias e modificar o controle de estímulos de topografias pré-existentes, confirmando assim a hipótese de Skinner (1957/1978) de que o processo no qual um sujeito se torna ouvinte é diferente do processo pelo qual o sujeito se torna falante, não sendo possível que um sujeito aprenda de forma automática o repertório de falante, após ter sido treinado apenas o repertório de ouvinte e vice e versa. Para Lee, a existência prévia de topografias no repertório verbal do indivíduo é necessária para que haja um surgimento colateral das mesmas num repertório não verbal, porém, não é suficiente.

Germano (2010) realizou sua pesquisa sobre independência funcional em adultos com desenvolvimento típico, a fim de verificar se os mesmos replicam os resultados de estudos anteriores feitos com crianças, crianças e adultos com desenvolvimento atípico e se os treinos sucessivos em repertórios distintos (falante – ouvinte) viabilizariam a transposição entre estes dois repertórios.

Foram utilizadas palavras trissílabas, 10 cartões com desenhos geométricos e cinco cartões de encaixe. Tanto as palavras, como cartões de forma geométrica e cartões de encaixe foram inventadas pelo experimentador não possuindo, dessa forma, significado prévio para o participante. Os participantes foram divididos em dois grupos, sendo o primeiro grupo (ouvinte - falante) treinado na função de ouvinte, teste colateral de falante e treino de falante. Já o segundo grupo (falante - ouvinte) realizou o experimento em ordem inversa ao primeiro, treino falante, teste colateral ouvinte e treino de ouvinte. O experimento contou com três fases: fase experimental um, fase experimental dois e fase experimental três. Em cada fase experimental eram utilizados grupos de cinco cartões pré-selecionados pelo experimentador.

Inicialmente todos os participantes passaram pelo treino ecóico, no qual precisariam pronunciar de maneira correta as palavras utilizadas no decorrer do experimento, descartando desta forma, que o rendimento do participante seria prejudicado caso o mesmo não conseguisse pronunciar a topografia por falta de repertório ecóico.

No grupo ouvinte o participante recebia o treino no repertório de ouvinte, seguido pelo teste colateral de falante e depois treino no repertório de falante com o primeiro grupo de cartões. Logo após, encerrava-se a primeira fase experimental. Na segunda fase experimental, era realizado o mesmo procedimento, mas agora com outro grupo de cartões. Já na terceira fase experimental o participante passava apenas pelo treino no repertório de ouvinte e teste colateral no repertório de falante com o último grupo de cartões. Após esta etapa, o experimento era encerrado, e o experimentador agradecia a participação do experimentando. No grupo falante, o participante passava pelo mesmo procedimento, alterando apenas a ordem dos treinos do experimento. Ou seja, o participante recebia o treino no repertório de falante, seguido pelo teste colateral de ouvinte e treino no repertório de ouvinte. Os cartões apresentados no grupo ouvinte eram apresentados na mesma ordem para o grupo falante. Para

que o participante pudesse ir para a próxima fase, era necessário que respondesse corretamente um bloco de 10 tentativas consecutivas.

Em seu estudo Germano (2010), mostrou que no grupo ouvinte – falante cinco participantes apresentaram a independência funcional na primeira fase experimental, enquanto que no grupo falante – ouvinte todos os participantes atingiram o critério exigido para que se considere dependência funcional na primeira e segunda fase experimental. Ou seja, no grupo falante – ouvinte os participantes conseguiram realizar a transposição de um repertório para o outro.

É possível observar nos resultados apresentados por Germano a possibilidade de realizar estudos sobre independência funcional com participantes adultos; aumento no repertório verbal e não verbal quando os participantes foram treinados como falantes, o mesmo não ocorreu quando os participantes receberam o treino no repertório de ouvinte, aumentando apenas o repertório não verbal. Enquanto que nos testes colaterais os resultados não replicaram inteiramente os estudos realizados anteriormente com relação à transposição entre os repertórios de ouvinte e falante por meio de treinos sucessivos.

Com base nos estudos sobre relação funcional mencionados anteriormente, percebe-se a utilização de crianças com idades entre dois e sete anos, as quais deveriam responder ao experimentador aonde os objetos se encontravam, tato (esquerda/direita ou *let/zut*) ou aonde gostariam de colocar os objetos, mando. Sendo o objetivo principal verificar a existência de dependência ou independência funcional. Já na presente monografia, assim como no estudo de Germano (2010), será apresentada uma pesquisa sobre relação funcional entre o comportamento de ouvinte e o comportamento de falante de adultos, os quais responderam ao experimentador como falante, utilizando nomes inventados, sem significado prévio, para determinados cartões com imagens, ou então, responder como ouvintes, pegando os cartões

das imagens mencionados pelo experimentador. Lembrando que cada cartão recebeu um nome trissílabo não possuindo nenhum significado prévio.

O objetivo desta pesquisa, assim como as relatadas anteriormente, é verificar a existência de dependência ou independência funcional e a transposição de repertórios verbais. Será analisado se adultos, apesar de possuírem um repertório mais amplo, ao serem treinados como ouvintes conseguirão realizar o comportamento como falantes, e se, adultos treinados como falantes, serão capazes de realizar o comportamento como ouvintes sem que ocorra um treinamento direto, além de verificar se os treinos sucessivos exercem influência sobre a transposição de repertórios, o que vai de acordo com Córdova (2008), Medeiros e Bernardes (2009).

Com base na literatura esperasse encontrar nos resultados deste estudo, que no grupo falante – ouvinte ocorra dependência funcional logo no primeiro teste colateral, o mesmo não deve ocorrer no grupo ouvinte – falante.

Capítulo 3. Objetivo da pesquisa

A presente monografia possui o objetivo de verificar a dependência ou independência funcional, assim como, transposição entre repertórios de comportamentos verbais, falante e ouvinte, em adultos. Além de verificar o efeito de treinos sucessivos no repertório de transposição.

Entre os objetivos específicos espera-se, analisar a relação funcional entre os comportamentos de falantes e ouvintes, tendo como participantes adultos com desenvolvimento típico. No presente estudo, o participante respondeu ao experimentador como falante, utilizando nomes inventados, sem significado prévio, para determinadas imagens, sendo estas de cidades, de fazendas e de praias, mostradas durante o estudo. E em outro momento, respondeu como ouvinte ao pegar as imagens solicitadas pelo experimentador. Outro objetivo é o de verificar se a ordem dos treinos realizados (treino ouvinte-falante/treino falante-ouvinte) interfere nos resultados apresentados pelo Grupo 1 e pelo Grupo 2 com base no percentual de acerto nos testes ao longo das fases.

Os participantes foram divididos em dois grupos. Grupo 1 – OUVINTE/FALANTE e Grupo 2 – FALANTE/OUVINTE. Todos os participantes passaram por três fases experimentais, sendo realizada uma fase a cada dia, em dias consecutivos. A primeira fase experimental do grupo ouvinte/falante é composta por treino ouvinte, teste colateral falante, treino falante, teste ouvinte e teste falante. Da mesma forma seguem as demais fases experimentais, seja no primeiro grupo ou no segundo grupo experimental, alterando apenas a ordem dos treinos de acordo com o grupo experimental que o participante se encontra. Em cada fase experimental o participante se comportou ora como ouvinte e ora como falante, de acordo com os comandos emitidos pelo experimentador.

Ao se comportar como ouvinte, coube ao participante pegar o cartão correspondente à

topografia emitida pelo experimentador. Enquanto que, para se comportar como falante, o participante emitiu um comando dizendo para qual cidade queria ir, de acordo com as topografias utilizadas no experimento. No treino ou teste de falante o experimentador utilizou frases, estímulos discriminativos, com função de operação estabelecida condicionada transitiva que controlou a resposta emitida pelo participante na presença de um segundo estímulo discriminativo. Assim, o experimentador falava para o participante: “Você acaba de comprar um barco, e quer aproveitar o sol com os amigos. Me diga para onde você quer que eu te leve?” (OE condicionada transitiva). Então, o participante teria sua resposta considerada correta ao emitir o comando: “Me leve para PELOMI.” Uma vez que a imagem a qual se associa a topografia PELOMI estaria exposta juntamente com as demais imagens, tendo como função de segundo estímulo discriminativo.

Cada imagem recebeu um nome fictício trissílabo, sem significado prévio. Os participantes realizaram um treino ecóico no qual entraram em contato com as topografias realizadas no decorrer do experimento, o que retira a hipótese de um baixo rendimento do participante por não conseguir pronunciar corretamente as topografias utilizadas. Cada cartão tem uma topografia correspondente definida previamente pelo experimentador como ilustrado nos anexos.

Durante o experimento, nos treinos os participantes receberam reforços verbais do experimentador ao emitirem respostas corretas, e foram corrigidos pelo experimentador ao emitir respostas consideradas incorretas. Já nos testes qualquer resposta que o participante emitisse não era reforçada ou corrigida pelo experimentador. Considerava-se dependência funcional quando o participante alcançava o critério de emitir o mínimo de 70% de respostas corretas no teste colateral.

Metodologia da pesquisa

Participantes

Para a realização deste estudo foi utilizada uma amostra de 12 adultos, com idade média de 30 anos, estudantes de graduação, que optaram livremente por participar da pesquisa assinando um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I).

Local

A pesquisa foi realizada em salas de estudos de um centro universitário de Brasília, com aproximadamente três metros quadrados. A sala possuía atenuação de ruídos nas paredes, iluminação no teto da sala e um ar condicionado no canto superior. As mobílias eram apenas uma mesa redonda na qual foi realizado o experimento e duas cadeiras, sendo uma para o experimentador e outra para o participante.

Materiais e equipamentos

Foram utilizados 15 cartões com diferentes imagens em cada um (Anexo II), papel contendo as topografias do treino ecóico (Anexo III), protocolo de respostas (Anexo IV e V) e caneta para preenchimento das respostas dadas pelos participantes.

Procedimento

Foi necessário um experimentador para realizar o procedimento com o participante, o aplicador ficou responsável por registrar as respostas do participante, manusear os cartões e reforçar ou corrigir o comportamento do participante. Foi utilizada uma metodologia de pesquisa experimental com delineamento misto. Isto é, com comparações intergrupos, ouvinte/falante X falante/ouvinte, e intragrupos, comparações do desempenho do mesmo

participante ao longo das fases.

Inicialmente foi realizado um treino ecóico com os participantes, a fim de verificar se os mesmos conseguiriam pronunciar todas as palavras utilizadas no estudo, excluindo desta forma, a possibilidade do baixo rendimento do participante nos testes devido à dificuldade em emitir as palavras do estudo. Cada palavra deveria ser pronunciada de forma correta duas vezes antes de iniciar-se a primeira fase do experimento. Durante o treino ecóico as palavras foram utilizadas na seguinte ordem: PELOMI, MATROLI, RUDIPE, SIMOFA, ZAMOTA, ROFIMA, PAZONO, DEMIRA, BIVUTA, SUNEJA, GARILO, LEBORI, COPESU, PULINU, ZILINA.

Os participantes foram divididos em dois grupos, “ouvinte-falante” e “falante-ouvinte”, tendo cada grupo seis participantes. O estudo foi composto por três fases, sendo cada fase realizada em um dia. Todos os participantes passaram pelo mesmo procedimento, alterando apenas a ordem das fases experimentais. O primeiro grupo, ouvinte-falante, realizou o experimento na seguinte ordem: 1º fase experimental – treino no repertório de ouvinte, teste no repertório de falante, treino no repertório de falante, teste no repertório de ouvinte, teste no repertório de falante com o primeiro grupo de imagens; 2º fase experimental – treino no repertório de ouvinte, teste no repertório de falante, treino no repertório de falante, teste no repertório de ouvinte e teste no repertório de falante com o segundo grupo de imagens; 3º fase experimental – treino no repertório de ouvinte, teste no repertório de falante, treino no repertório de falante, teste no repertório de ouvinte e teste no repertório de falante com o terceiro grupo de imagens. Já o segundo grupo experimental, falante-ouvinte, seguiu a ordem: 1º fase experimental – treino no repertório de falante, teste no repertório de ouvinte, treino no repertório de ouvinte, teste no repertório de falante e teste no repertório de ouvinte com o primeiro grupo de imagens; 2º fase experimental – treino no repertório de falante, teste no repertório de ouvinte, treino no repertório de ouvinte, teste no repertório de falante e teste no

repertório de ouvinte com o segundo grupo de imagens; 3º fase experimental – treino no repertório de falante, teste no repertório de ouvinte, treino no repertório de ouvinte, teste no repertório de falante e teste no repertório de ouvinte com o terceiro grupo de imagens.

Para que o participante passasse para a fase experimental seguinte era necessário que ele acertasse um bloco de dez tentativas nos treinos. Por critério de organização, as tentativas do participante eram subdividas em blocos de dez tentativas, sendo cada topografia pronunciada duas vezes em cada bloco. Para que fosse considerada dependência funcional era preciso que o participante tivesse no mínimo 70% de acerto no primeiro teste colateral realizado em cada fase experimental. Caso contrário, seria considerada independência funcional.

Tabela 1. Procedimento completo do grupo Ouvinte – Falante

GRUPO OUVINTE – FALANTE		
FASE	ETAPAS	PALAVRAS
	TREINO – REPERTÓRIO OUVINTE	PELOMI
FASE EXPERIMENTAL I	TESTE – REPERTÓRIO FALANTE	MATROLI
(1º grupo de imagens – cidades)	TREINO – REPERTÓRIO FALANTE	RUDIPE
	TESTE – REPERTÓRIO OUVINTE	SIMOFA
	TESTE – REPERTÓRIO FALANTE	ZAMOTA
	TREINO – REPERTÓRIO OUVINTE	ROFIMA
FASE EXPERIMENTAL II	TESTE – REPERTÓRIO FALANTE	PAZONO
(2º grupo de imagens – fazendas)	TREINO – REPERTÓRIO FALANTE	DEMIRA
	TESTE – REPERTÓRIO OUVINTE	BIVUTA
	TESTE – REPERTÓRIO FALANTE	SUNEJA
	TREINO – REPERTÓRIO OUVINTE	GARILO
FASE EXPERIMENTAL III	TESTE – REPERTÓRIO FALANTE	LEBORI
(3º grupo de imagens – praias)	TREINO – REPERTÓRIO FALANTE	COPESU
	TESTE – REPERTÓRIO OUVINTE	PULINU
	TESTE – REPERTÓRIO FALANTE	ZILINA

Tabela 2. Procedimento completo do grupo Falante – Ouvinte

GRUPO FALANTE – OUVINTE		
FASE	ETAPAS	PALAVRAS
	TREINO – REPERTÓRIO FALANTE	PELOMI
FASE EXPERIMENTAL I	TESTE – REPERTÓRIO OUVINTE	MATROLI
(1º grupo de imagens – cidades)	TREINO – REPERTÓRIO OUVINTE	RUDIPE
	TESTE – REPERTÓRIO FALANTE	SIMOFA
	TESTE – REPERTÓRIO OUVINTE	ZAMOTA
	TREINO – REPERTÓRIO FALANTE	ROFIMA
FASE EXPERIMENTAL II	TESTE – REPERTÓRIO OUVINTE	PAZONO
(2º grupo de imagens – fazendas)	TREINO – REPERTÓRIO OUVINTE	DEMIRA
	TESTE – REPERTÓRIO FALANTE	BIVUTA
	TESTE – REPERTÓRIO OUVINTE	SUNEJA
	TREINO – REPERTÓRIO FALANTE	GARILO
FASE EXPERIMENTAL III	TESTE – REPERTÓRIO OUVINTE	LEBORI
(3º grupo de imagens – praias)	TREINO – REPERTÓRIO OUVINTE	COPESU
	TESTE – REPERTÓRIO FALANTE	PULINU
	TESTE – REPERTÓRIO OUVINTE	ZILINA

Treino Ecóico

No treino ecóico, o experimentador falava “(nome do participante), antes de começarmos o experimento gostaria que você pronunciasse algumas palavras. Tudo bem?”. Em seguida o experimentador pronunciava a topografia e aguardava o participante repeti-la. Caso o participante não conseguisse pronunciar a palavra de forma correta, cabia ao experimentador corrigi-lo “não (nome do participante), a palavra correta é (topografia que o participante deve pronunciar).” Se o participante pronunciasse a palavra de forma correta cabia ao experimentador emitir outra topografia. O critério estabelecido no treino ecóico foi a emissão correta das topografias utilizadas no experimento, sendo preciso que o participante emitisse duas vezes cada topografia em quatro tentativas, para a mesma topografia. Todas as topografias deveriam ser pronunciadas de forma correta duas vezes pelo participante antes que fossem iniciadas as fases experimentais. Porém, caso o participante não conseguisse pronunciar corretamente as topografias utilizadas no experimento, o experimentador deveria encerrar e agradecer a participação do sujeito, tendo em vista que não seria possível que o mesmo participasse do estudo.

Treino no Repertório de Ouvinte

Neste treino, os 15 cartões ficavam próximos ao participante, e o aplicador solicitava a ele que pegasse um cartão por vez e o levantasse. “João pegue MATROLI”. O participante deveria pegar a figura que representasse a topografia pronunciada pelo aplicador.

- Caso o participante pegasse o cartão correto o experimentador emitia um reforço verbal, “Muito bem (Nome do participante), você acertou”.
- Se o participante pegasse outro cartão o experimentador o corrigia, e, em seguida, pedia novamente que ele pegasse o cartão correspondente, “Não (Nome do participante), este não é MATROLI (topografia do cartão solicitado), pegue para mim

MATROLI (topografia do cartão solicitado)”. A cada tentativa na qual o participante pegava outro cartão que não o solicitado, a resposta era considerada incorreta para vias de marcação em protocolo de registro. O experimentador só solicitava outra topografia após o participante emitir a resposta correta.

- O critério para assumir que o participante aprendera a responder como ouvinte, foi de um bloco de 10 respostas corretas consecutivas, ou seja, 100% de acerto em um bloco de 10 tentativas. Como cada Fase Experimental era composta por cinco topografias diferentes, para o participante ser submetido à fase seguinte, era necessário acertar duas tentativas com cada topografia. As topografias utilizadas ao longo dos blocos do experimento eram apresentadas de forma semi-randômica, de modo que todas as topografias foram pronunciadas duas vezes dentro de cada bloco de 10 tentativas.
- Aquele participante que após 15 blocos de 10 tentativas não conseguisse atingir o critério para o treino, não poderia passar para o teste colateral. Sendo sua participação agradecida, e o participante dispensado de realizar o restante do experimento.
- Após alcançar o critério estabelecido, ou seja, emitir respostas corretas num bloco com 10 tentativas para cada topografia solicitada pelo experimentador, o participante era submetido à fase seguinte, teste colateral no repertório de falante.

Treino do Repertório de Falante

No treino do repertório de falante, os 15 cartões ficavam próximos ao experimentador. Assim, o participante devia emitir um mando solicitando um cartão específico. Nesta fase experimental o experimentador emitia sentenças (OE Condicionada Transitiva), como por exemplo, “Você não pode sair de casa sem protetor solar e garrafinha de

água. Me diga para onde você quer que eu te leve?”, cada sentença tinha um cartão específico como resposta. Para que o experimentador entregasse o cartão para o participante e considerasse a resposta correta, o participante deveria emitir um mando utilizando a topografia equivalente ao cartão e à sentença pronunciada. Neste caso a resposta correta seria a emissão do mando “Me leve para MATROLI.”

Outro exemplo do treino do repertório de falante seria o experimentador emitir a sentença (OE Condicionada Transitiva): “Ao acordar você gosta de tomar leite tirado na hora. Me diga para onde você quer que eu te leve?” O participante teria sua resposta reforçada verbalmente e com a entrega do cartão correspondente ao emitir o mando: “Me leve para ROFIMA.”

- Caso o participante pronunciasse a topografia correspondente à sentença, o experimentador reforçava sua resposta entregando-o o cartão solicitado, e emitindo um reforço verbal, “Muito bem (Nome do participante), você acertou”.
- Se o participante pronunciasse uma topografia que não fosse a correta, o experimentador entregava o cartão solicitado pelo participante, para que ele percebesse que emitiu a topografia (resposta) incorreta. Em seguida o experimentador deveria pedir novamente que ele pronunciasse a topografia correspondente à sentença. A cada tentativa na qual o participante pronunciasse outra topografia que não a especificada, a resposta era considerada incorreta para vias de marcação em protocolo de registro. O experimentador só pronunciava outra sentença após a emissão da resposta correta pelo participante.
- Se o participante pronunciasse uma topografia que não fizesse parte do estudo o experimentador o corrigia, e, em seguida, pedia novamente que ele pronunciasse a topografia correspondente à sentença, “Não (Nome do participante), este local não

existe em nosso estudo, nós temos (topografia da sentença)”, o experimentador pronunciava novamente a sentença. A cada tentativa na qual o participante pronunciasse outra topografia que não a especificada, a resposta seria considerada incorreta para vias de marcação em protocolo de registro. O experimentador só deveria pronunciar outra sentença após o participante emitir a resposta correta.

- O critério para assumir que o participante aprendeu a emitir respostas como falante, foi de um bloco de 10 respostas corretas consecutivas, ou seja, 100% de acerto em um bloco de 10 tentativas. Como cada Fase Experimental contém cinco topografias diferentes, para o participante ser submetido à fase seguinte, foi necessário acertar duas tentativas com cada topografia. As topografias utilizadas ao longo dos blocos do experimento foram apresentadas de forma semi-randômica, de modo que todas as topografias foram pronunciadas duas vezes dentro de cada bloco de 10 tentativas.
- Caso o participante, após 15 blocos de 10 tentativas, não conseguisse atingir o critério para o treino, não poderia passar para o teste colateral. Sendo sua participação agradecida, e o participante dispensado de realizar o restante do experimento.
- Após alcançar o critério estabelecido, ou seja, emitir 100% de respostas corretas em um bloco de 10 tentativas, o participante era submetido à fase seguinte, teste colateral no repertório de ouvinte.

Teste Ouvinte

Neste teste, os 15 cartões ficaram próximos ao participante, e o aplicador solicitava a ele que pegasse um cartão por vez e o levantasse. “(Nome do participante), pegue para mim a/o (topografia)”. Cabia ao participante pegar a figura que representasse a topografia

pronunciada pelo aplicador. Como por exemplo, “Maria, pegue DEMIRA.” Neste caso, a resposta era considerada correta somente se o participante pegasse o cartão correspondente à topografia DEMIRA.

- O teste colateral tinha a duração fixa de um bloco de 10 tentativas, sendo cada topografia utilizada duas vezes.
- Nos testes colaterais o experimentador não emitia reforços contingentes às respostas do participante, sendo esta parte do experimento realizada em extinção.
- As topografias utilizadas ao longo dos blocos do experimento eram apresentadas de forma semi-randômica, de modo que todas as topografias fossem pronunciadas duas vezes dentro de um bloco de dez tentativas.
- Para que a tentativa do participante fosse considerada correta, este deveria apresentar a topografia anteriormente treinada no repertório de falante. Ou seja, o participante deveria pegar o cartão solicitado pelo experimentador.
- Cada tentativa em que o participante pegava outro cartão que não o solicitado era considerada incorreta para vias de marcação em protocolo de registro.
- O critério para considerar a dependência funcional entre os repertórios verbais e que o participante realizou a transposição de um repertório verbal para outro era de no mínimo 70% de acertos no teste colateral. Caso o participante não alcançasse esse critério, seria considerado que os repertórios de falante e ouvinte para essas palavras eram funcionalmente independentes para o presente experimento.

Teste Falante

No teste do repertório de falante, os 15 cartões ficaram próximos ao experimentador, cabendo ao participante emitir um mando solicitando o cartão específico. Nesta fase

experimental o experimentador emitia sentenças (OE Condicionada Transitiva), e cada sentença tinha um cartão específico como resposta. Para que a resposta fosse considerada correta, o participante deveria emitir a topografia equivalente ao cartão e à sentença pronunciada. Experimentador: “Está na época de preparar a terra para o plantio. Me diga para onde você quer que eu te leve?” Participante: “Me leve para DEMIRA.”

- Em seguida o experimentador lançava uma sentença que funcionava como uma operação estabelecida condicionada transitiva referindo-se a uma das cinco imagens em seu poder (Anexo V).
- Para que a tentativa do participante fosse considerada correta, esta deveria apresentar a topografia anteriormente treinada no repertório de ouvinte.
- A cada tentativa em que o participante pronunciasse outra topografia que não a solicitada seria considerada incorreta para fins de marcação em protocolo de registro.
- Nenhuma resposta do participante era conseqüenciada, pois o teste colateral era realizado em extinção.
- O teste colateral de falante tinha duração fixa de um bloco de 10 tentativas, sendo cada topografia utilizada duas vezes.
- Para ser considerada dependência funcional entre os repertórios de ouvinte e falante o participante deveria obter 70% de acerto dentre as dez tentativas. Caso o participante não alcançasse esse critério, era considerado que os repertórios de ouvinte e falante para essas palavras eram funcionalmente independentes para o presente experimento.

Resultados

Os resultados serão apresentados a seguir por meio de figuras, o que torna possível verificar o desempenho de cada sujeito de uma fase para outra e fazer uma análise entre o primeiro grupo de participante (ouvinte/falante) e o segundo grupo (falante/ouvinte).

Os nomes utilizados no presente estudo são fictícios. Durante o treino ecóico todos os participantes emitiram de forma correta, duas vezes, cada topografia utilizada no experimento. Somente depois de ecoar todas as palavras o participante era submetido às três fases experimentais.

Grupo Ouvinte – Falante

MARINA

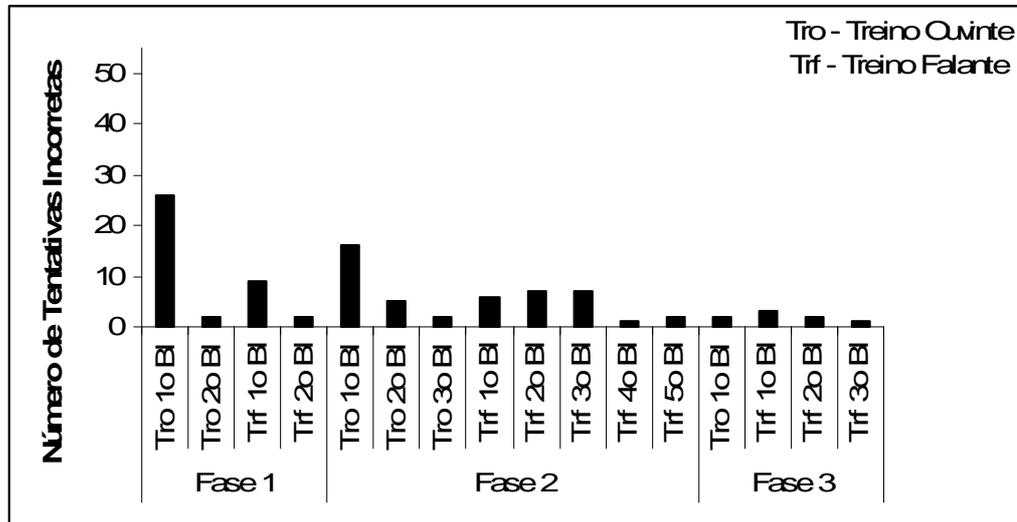


Figura 3. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Marina durante os treinos das três fases experimentais.

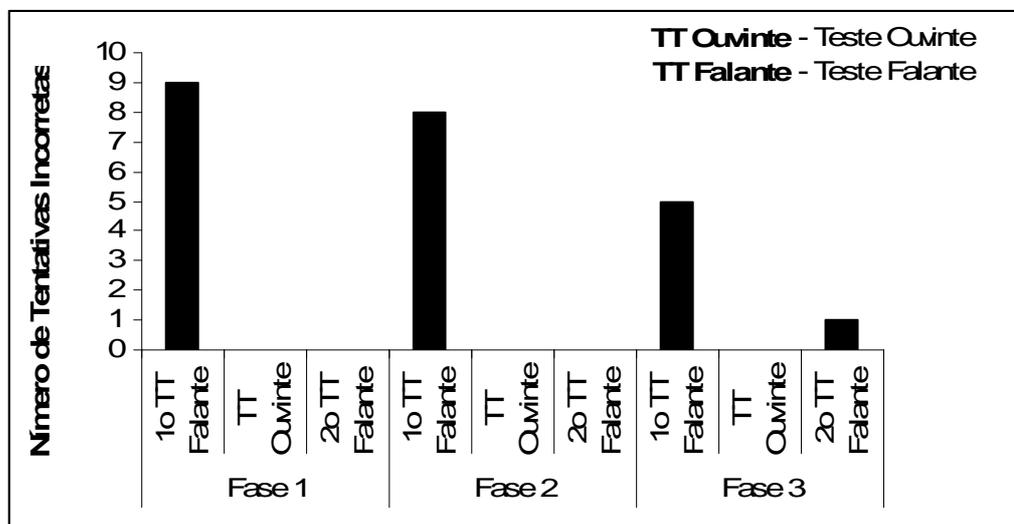


Figura 2. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Marina durante os testes das três fases experimentais.

De acordo com as Figuras 1 e 2 percebe-se que a participante Marina, do grupo experimental ouvinte-falante, apresentou independência funcional nas três fases experimentais. Embora o número de blocos de tentativas entre as fases experimentais tenham variado, é possível perceber que a participante teve uma melhora de rendimento ao longo das

fases experimentais, tendo em vista que nos testes colaterais seu rendimento foi melhor na terceira fase experimental, além de ter sido necessário apenas um bloco de tentativas no treino de ouvinte dessa mesma fase experimental. No teste ouvinte e no segundo teste falante é possível confirmar a aprendizagem nos repertórios de ouvinte e falante, da participante, após receber o treino direto nos repertórios, mesmo a participante tendo emitido uma resposta incorreta no segundo teste falante da terceira fase.

JÚLIA

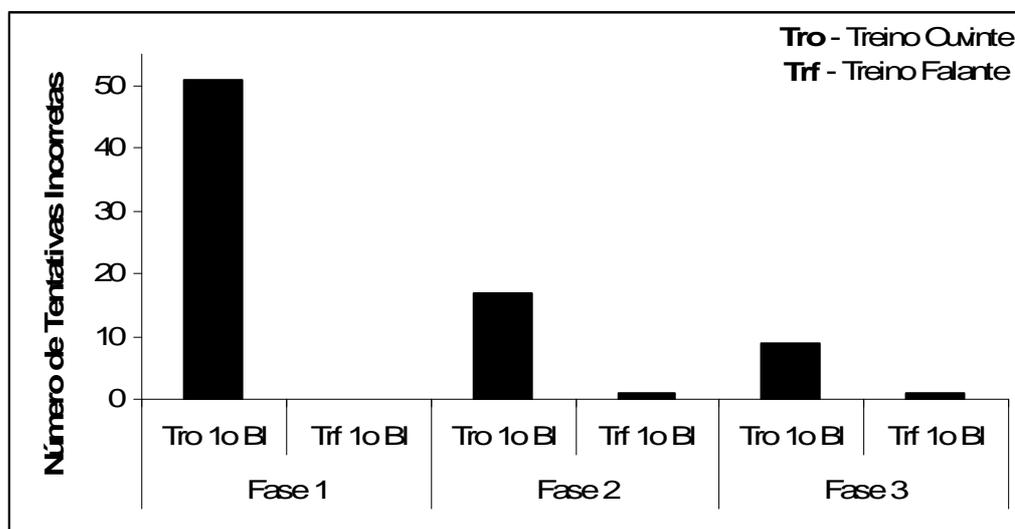


Figura 3. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Júlia durante os treinos das três fases experimentais.

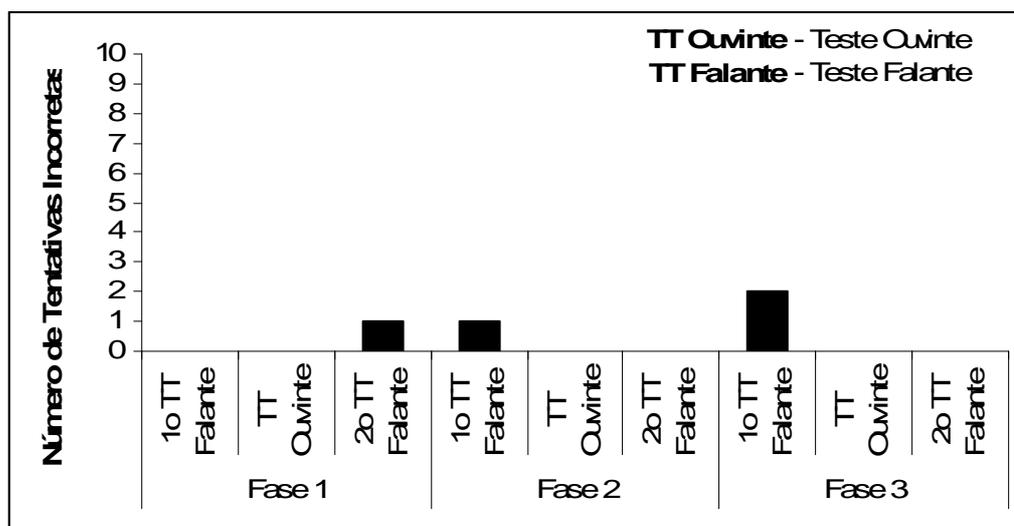


Figura 4. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Júlia durante os testes das três fases experimentais.

Observando as figuras 3 e 4 nota-se, que diferentemente da primeira participante – Marina, a participante Júlia apresenta dependência funcional, de acordo com os critérios estabelecidos nesse estudo, de emitir o mínimo de 70% de respostas corretas no primeiro teste colateral, nas três fases experimentais. É possível observar na figura acima, uma grande melhora no rendimento da participante ao analisar as respostas incorretas no treino de ouvinte apresentadas entre as três fases experimentais, uma vez que o número de respostas incorretas diminuiu da primeira para a segunda fase experimental, e da segunda para a terceira fase. A participante manteve o número de blocos de tentativas necessários para alcançar o critério nas três fases experimentais. No teste ouvinte e no segundo teste falante é possível confirmar a aprendizagem nos repertórios verbais, pela participante, após receber o treino direto nos repertórios de ouvinte e falante, mesmo a participante tendo emitido uma resposta errada no segundo teste falante na primeira fase experimental.

DANIELA

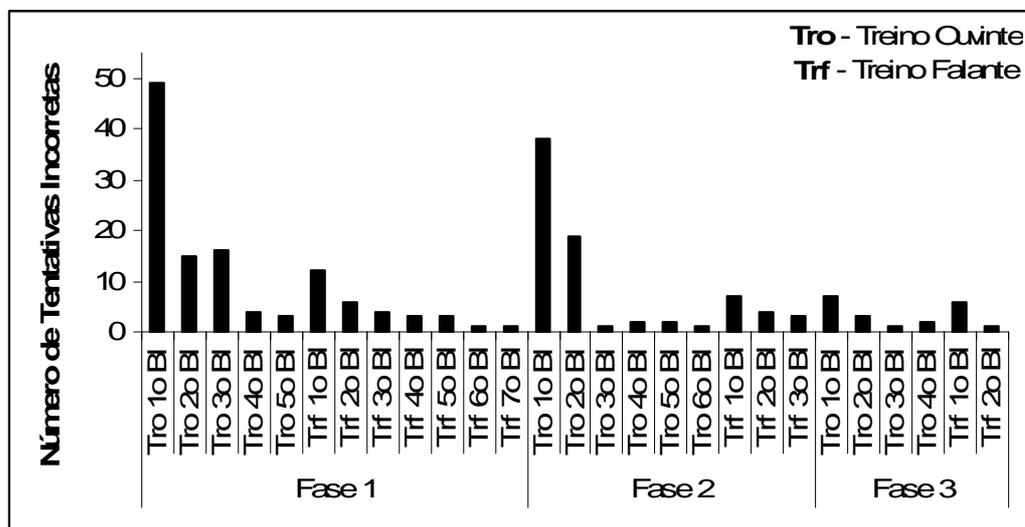


Figura 5. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Daniela durante os treinos das três fases experimentais.

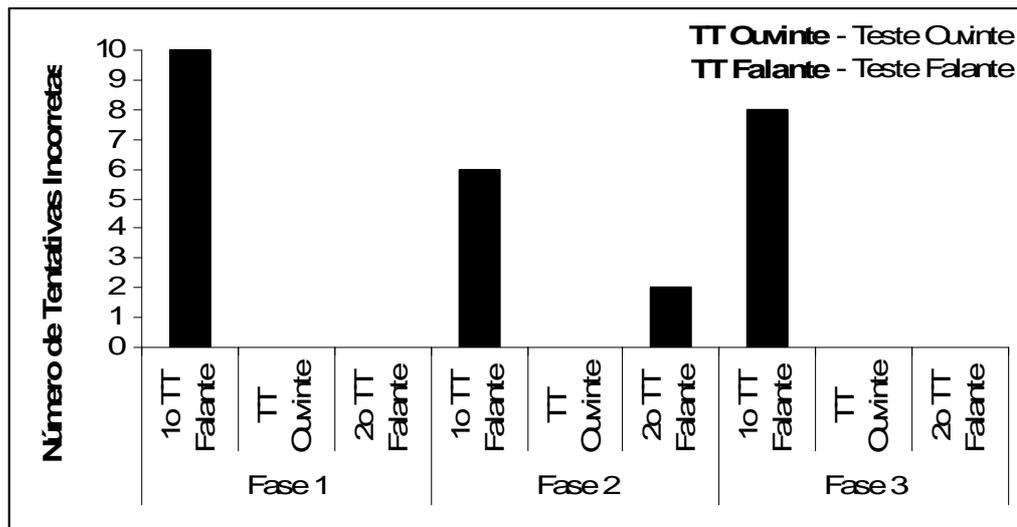


Figura 6. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Daniela durante os testes das três fases experimentais.

Ao observar as figuras 5 e 6, percebe-se que a participante Daniela teve uma melhora em seu rendimento no treino de ouvinte, no primeiro teste colateral de falante e no treino de falante durante as três fases experimentais. Nota-se que no treino de ouvinte o número de tentativas incorretas diminuiu de uma fase experimental para outra. No treino de falante a participante precisou de menos blocos de tentativas de respostas na terceira fase experimental, se comparado com as fases anteriores. A participante apresentou independência funcional nas três fases experimentais, porém, é possível perceber que o número de respostas incorretas emitidas pela participante no teste de falante diminuiu da primeira para terceira fase. No teste ouvinte e no segundo teste falante é possível confirmar a aprendizagem nos repertórios de ouvinte e falante da participante, após receber o treino direto nos repertórios, apesar de a participante ter emitido duas respostas incorretas no segundo teste falante da segunda fase experimental.

LUCAS

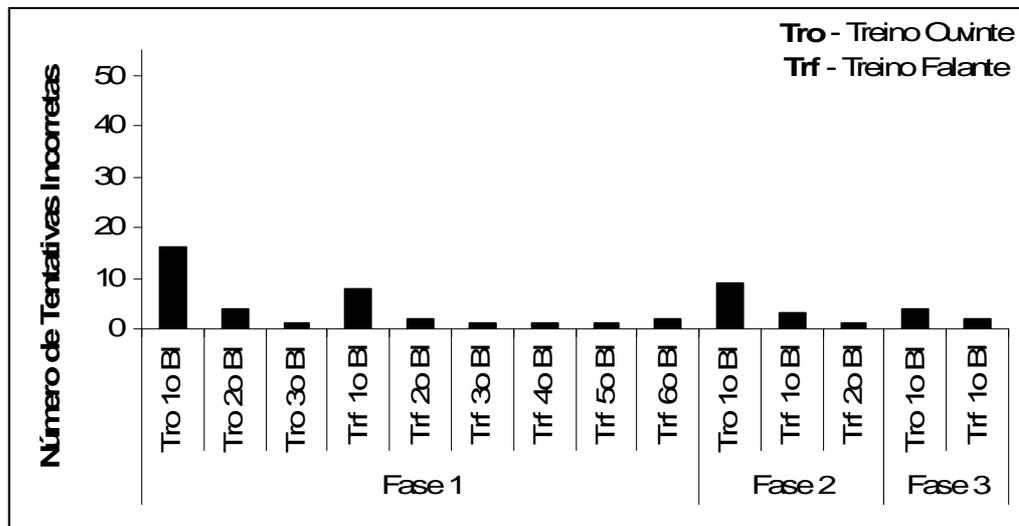


Figura 7. Tentativas incorretas apresentadas pelo participante Lucas durante os treinos das três fases experimentais.

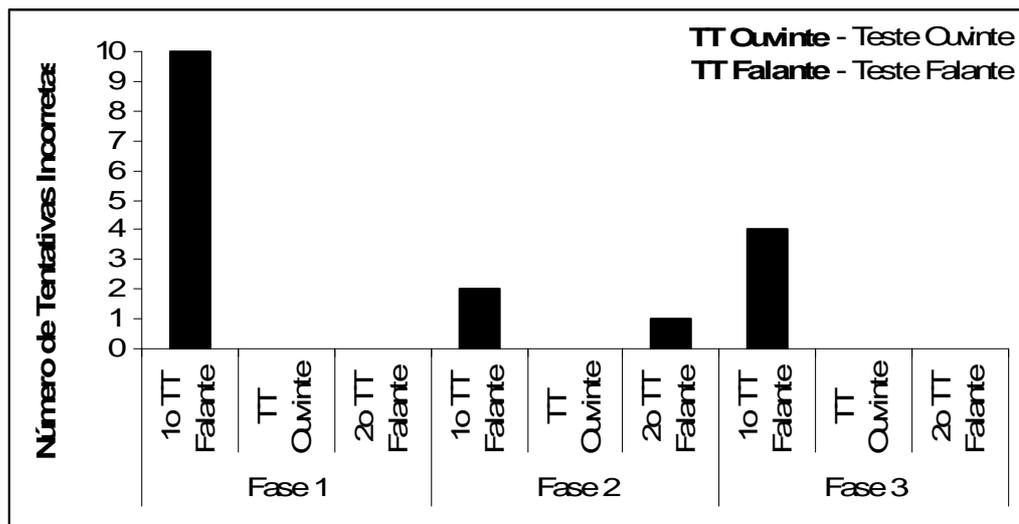


Figura 8. Tentativas incorretas apresentadas pelo participante Lucas durante os testes das três fases experimentais.

De acordo com as figuras 7 e 8, nota-se uma melhora no rendimento do participante Lucas. Percebe-se, que o participante diminuiu a quantidade de blocos necessários para atingir o critério de 10 respostas corretas consecutivas no treino, tanto no treino de ouvinte, como no treino de falante. Nos primeiros testes de falante, das três fases experimentais, Lucas apresentou uma variação no seu rendimento dentro do experimento. Na primeira fase experimental, assim como, na terceira fase experimental, Lucas apresentou independência funcional, tendo em vista que não conseguiu realizar a transposição entre o repertório de

ouvinte e o repertório de falante. Tal fato não ocorreu na segunda fase experimental, nesta Lucas apresentou dependência funcional ao realizar a transposição entre os repertórios de ouvinte e falante, emitindo 80% de respostas corretas no teste colateral de falante. No teste ouvinte e no segundo teste falante é possível confirmar a aprendizagem do participante nos repertórios de ouvinte e falante após receber o treino direto, embora, o participante tenha apresentado uma resposta incorreta no segundo teste falante da segunda fase experimental.

PEDRO

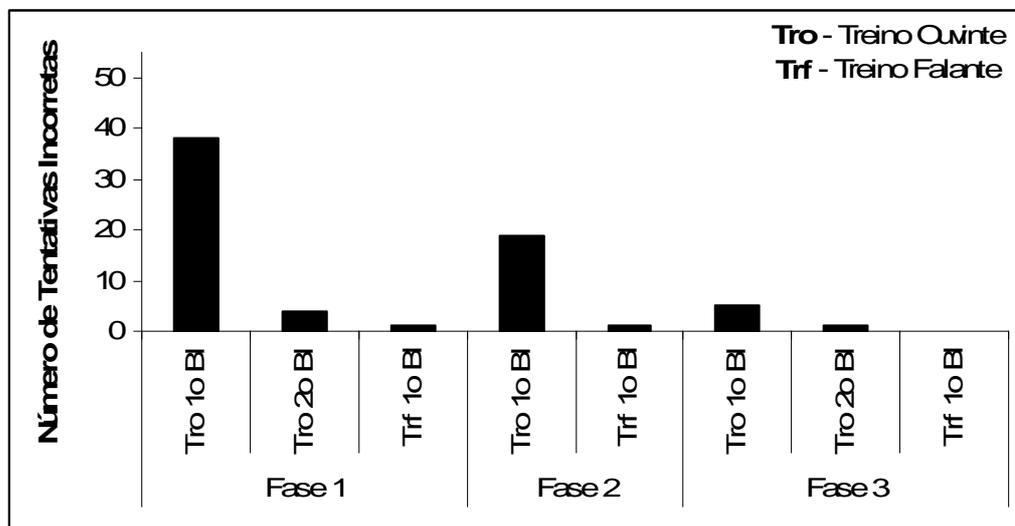


Figura 9. Tentativas incorretas apresentadas pelo participante Pedro durante os treinos das três fases experimentais.

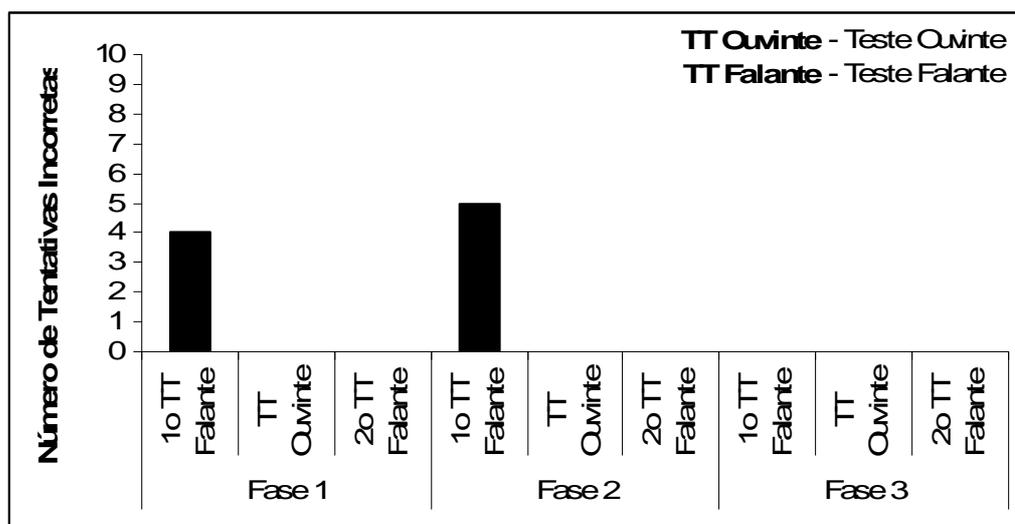


Figura 10. Tentativas incorretas apresentadas pelo participante Pedro durante os testes das três fases experimentais.

Observando as figuras 9 e 10 nota-se, que o participante Pedro apresentou dependência funcional na terceira fase experimental e independência funcional na primeira e na segunda fase experimental. Assim, nota-se uma melhora no rendimento do participante, uma vez que na primeira fase experimental 40% de suas respostas no teste colateral de falante foram incorretas, enquanto que, na terceira fase experimental, neste mesmo teste, não ocorreram respostas incorretas. É possível perceber também, um declínio nas respostas incorretas emitidas por Pedro no treino de ouvinte. O participante variou o número de blocos de tentativas necessários para alcançar o critério durante o treino de ouvinte, o mesmo não ocorreu no treino de falante. No teste ouvinte e no segundo teste falante é possível confirmar a aprendizagem dos repertórios verbais pelo participante, após receber o treino direto nos repertórios de ouvinte e falante.

CÍNTIA

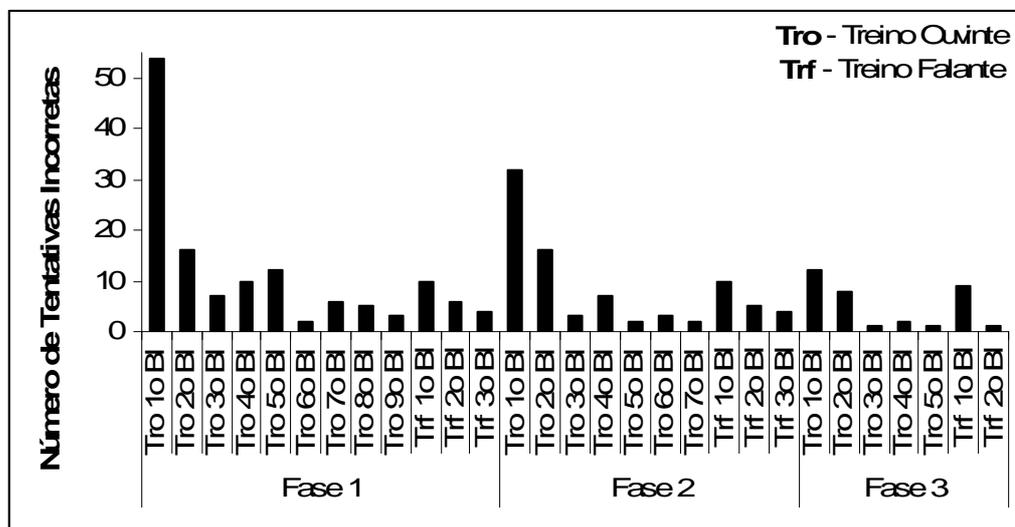


Figura 11. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Cíntia durante os treinos das três fases experimentais.

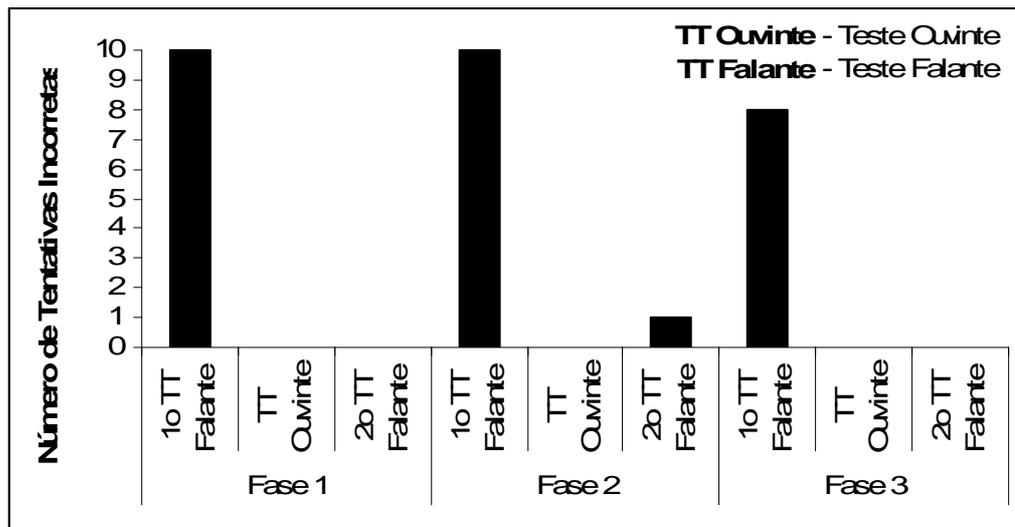


Figura 12. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Cíntia durante os testes das três fases experimentais.

De acordo com as figuras 11 e 12, a participante Cíntia apresentou independência funcional nas três fases experimentais ao emitir mais de 30% de respostas incorretas. Percebe-se uma melhora no desempenho da participante entre as fases experimentais, tendo em vista que a participante teve o número de blocos de tentativas reduzidos no treino de ouvinte. O número de tentativas incorretas no treino de ouvinte também diminuiu de uma fase para a outra. No treino de falante o número de respostas incorretas diminuiu de um bloco de respostas para outro dentro da mesma fase experimental. No teste ouvinte e no segundo teste falante é possível confirmar a aprendizagem no repertório de ouvinte e falante pela participante após receber o treino direto nos repertórios, no entanto, a participante apresentou uma resposta incorreta no segundo teste falante da segunda fase experimental.

Grupo Falante – Ouvinte

BIANCA

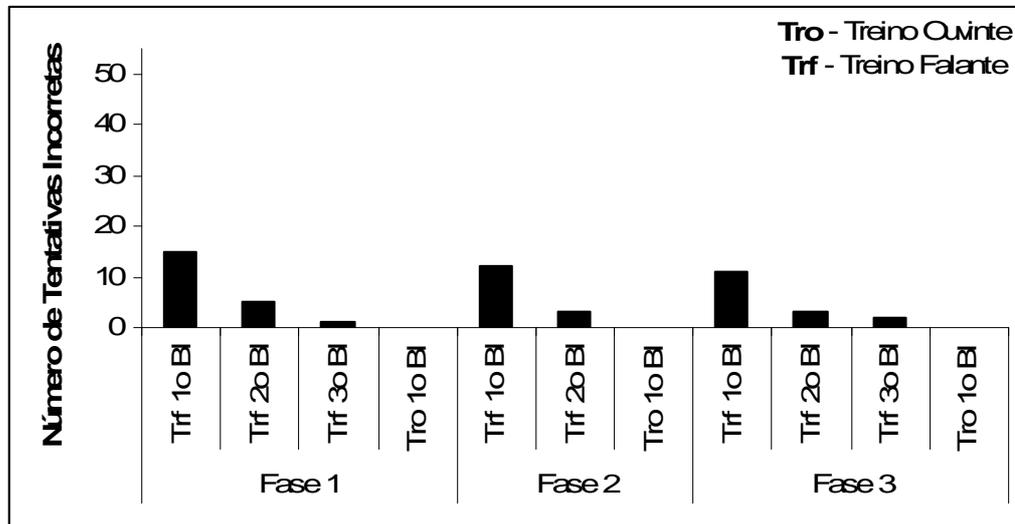


Figura 13. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Bianca durante os treinos das três fases experimentais.

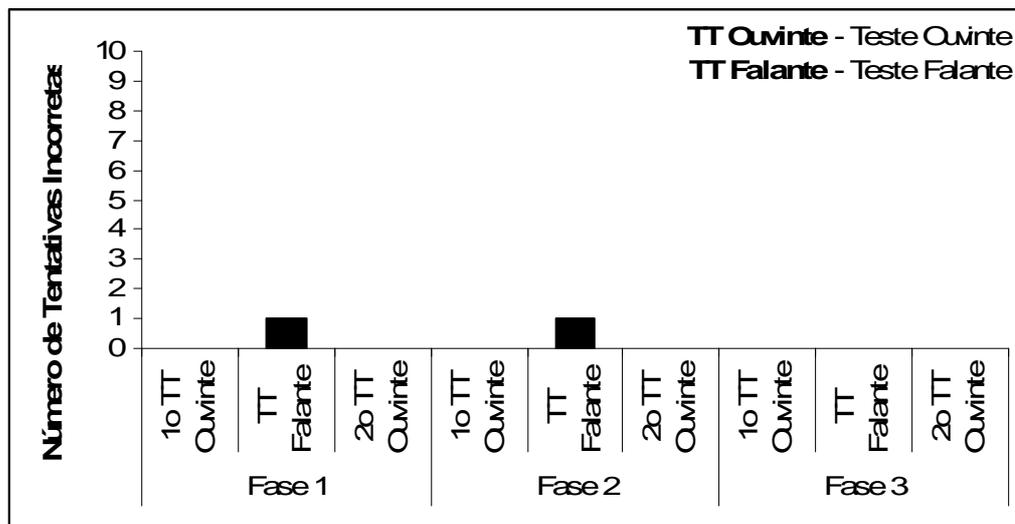


Figura 14. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Bianca durante os testes das três fases experimentais.

Segundo as figuras 13 e 14, a participante Bianca apresentou dependência funcional nas três fases experimentais, ou seja, conseguiu realizar a transposição entre o repertório de falante e o repertório de ouvinte. É possível perceber que a participante variou o número de blocos necessários no treino de falante, enquanto que, no treino de ouvinte a participante precisou de apenas um bloco de tentativas para alcançar o critério exigido. Percebe-se um

declínio no número de respostas incorretas no treino de falante dentro da mesma fase experimental, assim como, entre as fases experimentais. O teste colateral de falante e o segundo teste colateral de ouvinte confirmam a aprendizagem da participante nos repertórios verbais de falante e de ouvinte, após receber o treino direto, mesmo a participante apresentando uma resposta incorreta no teste falante da primeira e segunda fase experimental.

CRISTINA

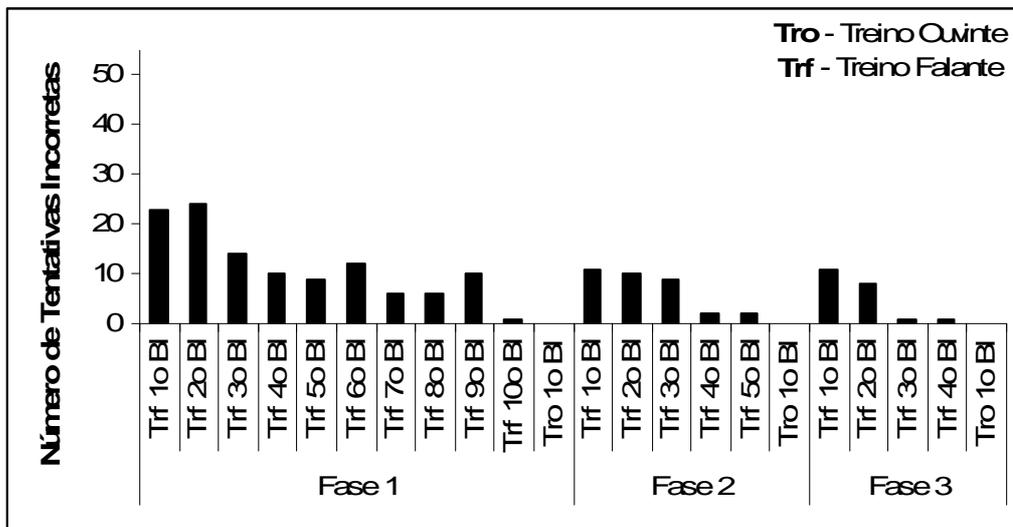


Figura 15. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Cristina durante os treinos das três fases experimentais.

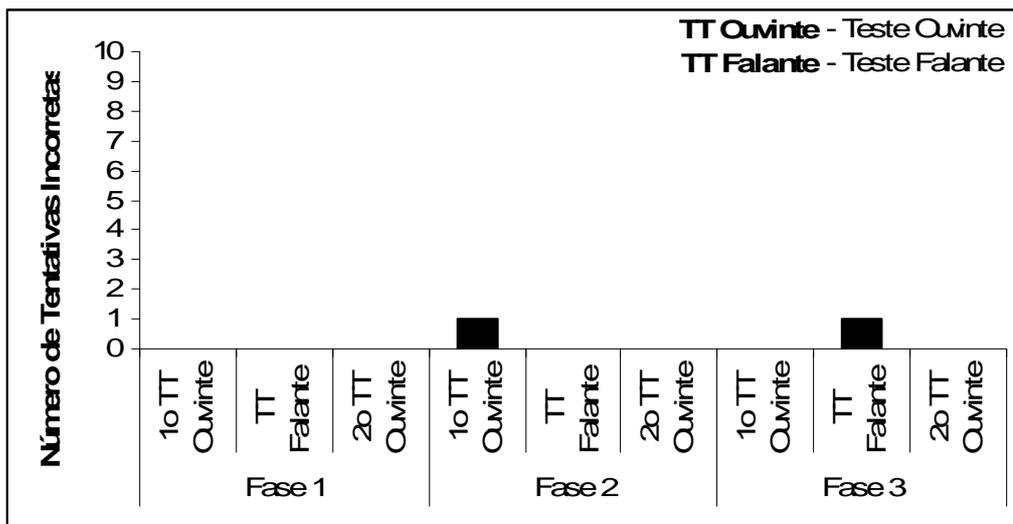


Figura 16. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Cristina durante os testes das três fases experimentais.

Ao observar as figuras 15 e 16, nota-se que a participante Cristina emitiu uma resposta incorreta no primeiro teste colateral de ouvinte na segunda fase experimental. Ainda assim, Cristina atingiu o critério de 70% de acertos nos testes colaterais de ouvinte das três fases experimentais, o que representa dependência funcional. Ou seja, a participante Cristina conseguiu realizar a transposição do repertório de falante para o repertório de ouvinte nas três fases experimentais. Nota-se também, uma melhora no rendimento da participante durante o treino de falante, tendo em vista que as respostas incorretas diminuíram de frequência dentro de uma mesma fase experimental, como em fases distintas, assim como, o número de blocos de respostas necessários para que se alcançasse o critério no treino de falante diminuiu. Já no treino de ouvinte manteve-se o número de blocos necessários, além de, não serem emitidas respostas incorretas durante este treino. O teste colateral de falante e o segundo teste colateral de ouvinte confirmam a aprendizagem da participante nos repertórios verbais de falante e de ouvinte, após receber o treino direto, mesmo a participante apresentando uma resposta incorreta no teste falante da terceira fase experimental.

MARTA

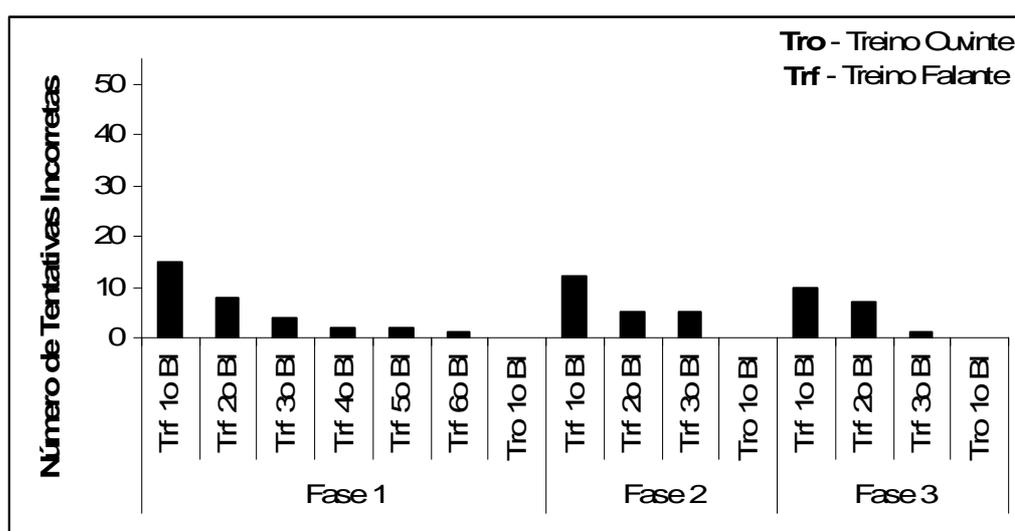


Figura 17. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Marta durante os treinos das três fases experimentais.

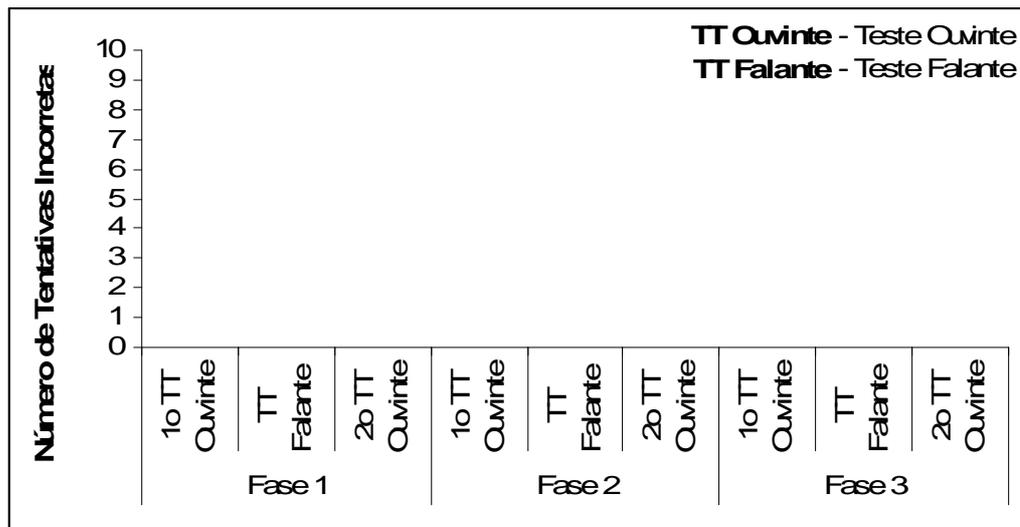


Figura 18. Tentativas incorretas apresentadas pela participante Marta durante os testes das três fases experimentais.

Observando as figuras 17 e 18, é possível perceber que a participante Marta atingiu a dependência funcional nas três fases experimentais, conseguindo realizar a transposição entre os repertórios comportamentais de falante e ouvinte. Nota-se uma melhora no desempenho da participante na mesma fase experimental, assim como, de uma fase para outra, tendo em vista que houve um decréscimo no número de respostas incorretas em cada bloco de tentativas, como também, diminuiu o número de blocos necessários para se atingir o critério durante o treino de falante. No treino de ouvinte foi necessário apenas um bloco de tentativas em todas as fases experimentais. O teste colateral de falante e o segundo teste colateral de ouvinte confirmam a aprendizagem da participante nos repertórios verbais de falante e de ouvinte, após receber o treino direto.

JOAQUIM

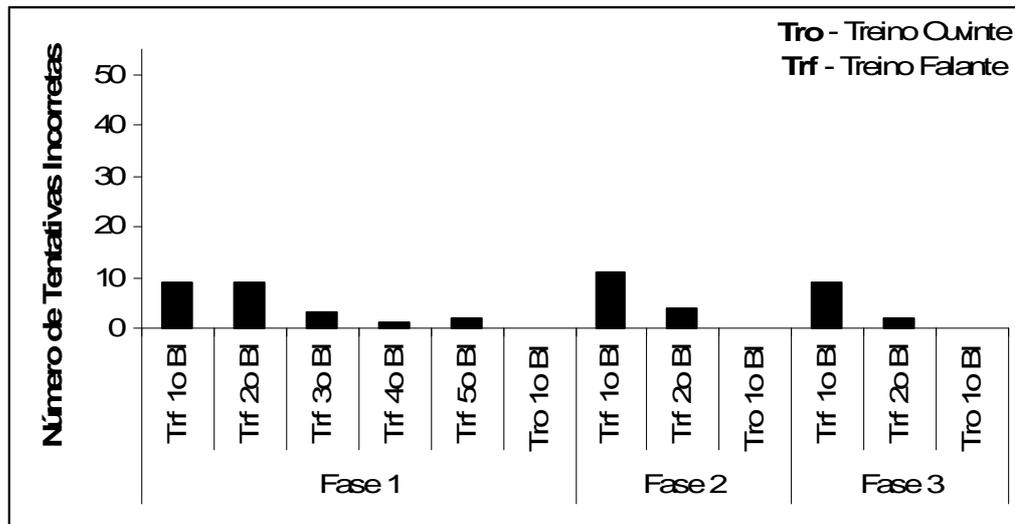


Figura 19. Tentativas incorretas apresentadas pelo participante Joaquim durante os treinos das três fases experimentais.

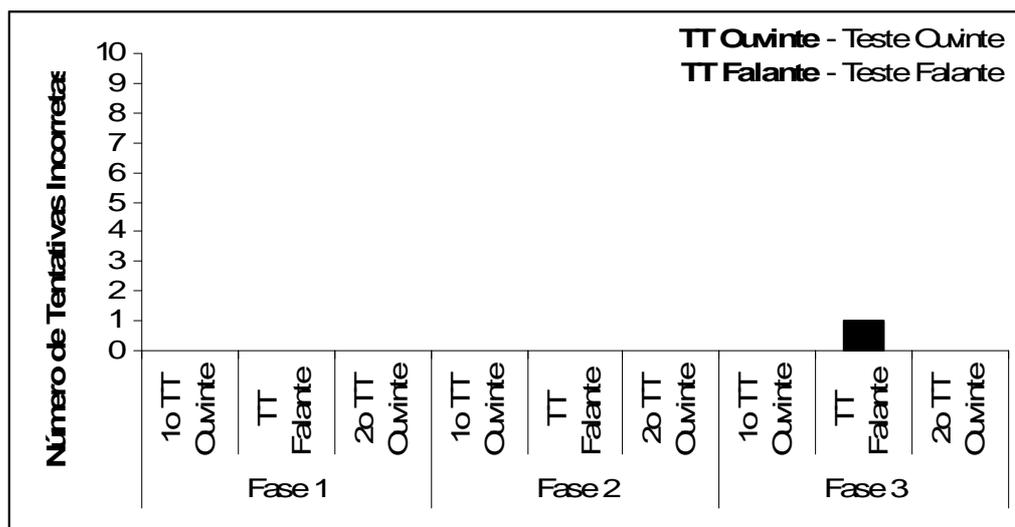


Figura 20. Tentativas incorretas apresentadas pelo participante Joaquim durante os testes das três fases experimentais.

De acordo com as figuras 19 e 20, Joaquim conseguiu realizar a transposição entre os repertórios verbais, ou seja, apresentou dependência funcional, nas três fases experimentais. Nota-se na figura acima que o participante teve uma melhora em seu rendimento entre as fases experimentais, tendo em vista que foram necessários menos blocos de tentativas de respostas para que se alcançasse o critério de 10 respostas corretas consecutivas no treino de falante. Joaquim não apresentou respostas incorretas no treino de ouvinte, e embora tenha apresentado uma resposta incorreta no teste colateral de falante da terceira fase experimental, o teste colateral de falante e o

segundo teste colateral de ouvinte confirmam a aprendizagem do participante nos repertórios de falante e de ouvinte, após receber o treino direto.

GUSTAVO

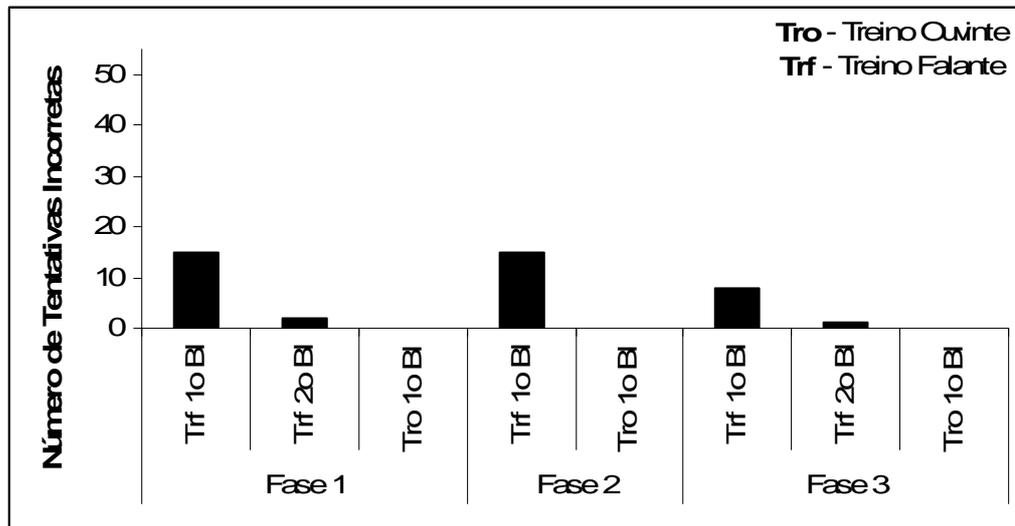


Figura 4. Tentativas incorretas apresentadas pelo participante Gustavo durante os treinos das três fases experimentais.

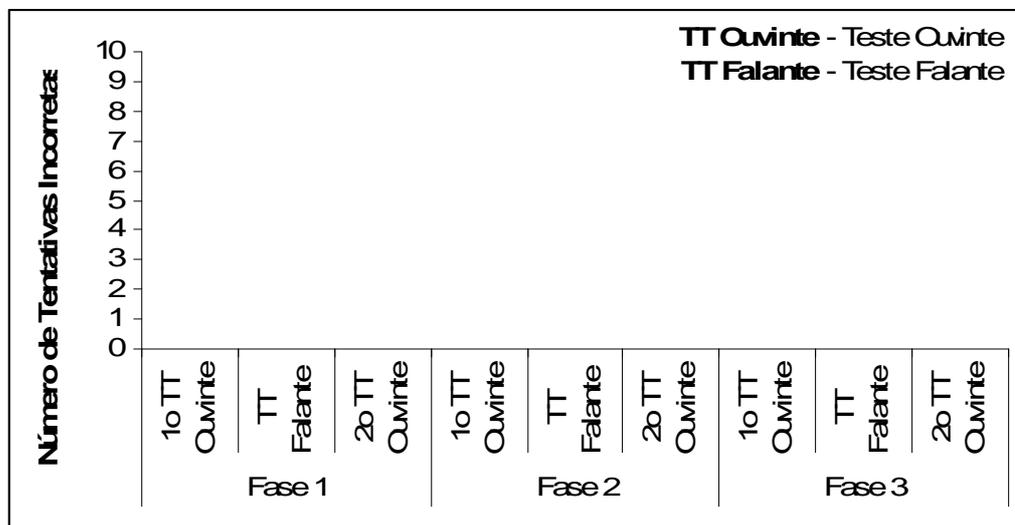


Figura 22. Tentativas incorretas apresentadas pelo participante Gustavo durante os testes das três fases experimentais.

Como observado nas figuras 21 e 22, o participante apresentou dependência funcional, o que quer dizer que Gustavo conseguiu realizar a transposição entre o repertório verbal de falante para o repertório de ouvinte. A quantidade de blocos necessários para atingir o critério entre as fases experimentais variou entre um e dois blocos de tentativas. Gustavo

não apresentou nenhuma resposta incorreta no treino de ouvinte, assim como nos testes colaterais. O teste colateral de falante e o segundo teste colateral de ouvinte confirmam a aprendizagem do participante nos repertórios verbais de falante e de ouvinte, após receber o treino direto.

RODRIGO

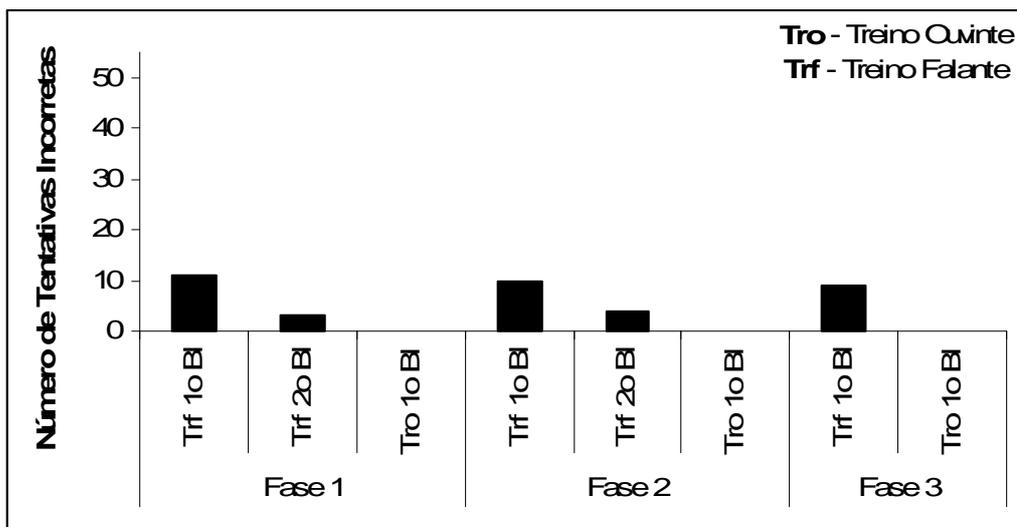


Figura 23. Tentativas incorretas apresentadas pelo participante Rodrigo durante os treinos das três fases experimentais.

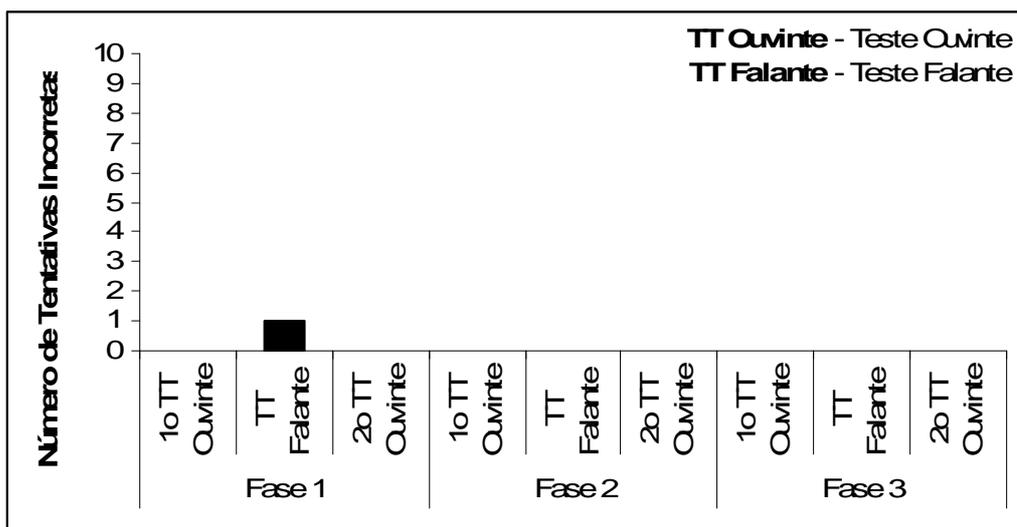


Figura 24. Tentativas incorretas apresentadas pelo participante Rodrigo durante os testes ao longo das três fases experimentais.

Observando as figuras 23 e 24, percebe-se que o participante Rodrigo apresentou dependência funcional durante as três fases experimentais. Durante o treino de falante foram

necessários menos blocos de tentativas de respostas, entre uma fase experimental e outra, para que o participante atingisse o critério estabelecido e passasse para a próxima etapa, teste colateral de ouvinte. Dessa forma, é possível perceber uma melhora no desempenho do participante entre as fases experimentais, como também dentro da mesma fase, considerando que de um bloco de tentativas para outro o número de respostas incorretas apresentadas por Rodrigo diminuiu. Rodrigo não apresentou nenhuma resposta incorreta no treino de ouvinte. Embora o participante tenha emitido uma resposta incorreta no teste colateral de falante da primeira fase experimental, o teste colateral de falante e o segundo teste colateral de ouvinte confirmam a aprendizagem nos repertórios verbais de falante e de ouvinte pelo participante, após receber o treino direto.

Independência/Dependência Funcional

Tabela 3. Dependência (D) e independência (I) funcional apresentada pelos participantes nos testes colaterais

GRUPO OUVINTE-FALANTE			
Participante	Teste de Falante FASE 1	Teste de Falante FASE 2	Teste de Falante FASE 3
MARINA	I - 9 erros	I - 8 erros	I - 5 erros
JÚLIA	D - 0 erros	D - 1 erro	D - 2 erros
DANIELA	I - 10 erros	I - 6 erros	I - 8 erros
LUCAS	I - 10 erros	D - 2 erros	I - 4 erros
PEDRO	I - 4 erros	I - 5 erros	D - 0 erros
CÍNTIA	I - 10 erros	I - 10 erros	I - 8 erros
GRUPO FALANTE-OUVINTE			
Participante	Teste de Ouvinte FASE 1	Teste de Ouvinte FASE 2	Teste de Ouvinte FASE 3
BIANCA	D - 0 erros	D - 0 erros	D - 0 erros
CRISTINA	D - 0 erros	D - 1 erro	D - 0 erros
MARTA	D - 0 erros	D - 0 erros	D - 0 erros
JOAQUIM	D - 0 erros	D - 0 erros	D - 0 erros
GUSTAVO	D - 0 erros	D - 0 erros	D - 0 erros
RODRIGO	D - 0 erros	D - 0 erros	D - 0 erros

De acordo com a Tabela 3, é possível observar que o maior número de respostas incorretas emitidas pelos participantes do grupo Ouvinte – Falante, no teste colateral de falante, ocorreram na primeira fase experimental. Ao analisar as respostas emitidas no teste colateral de falante, percebe-se uma melhora no desempenho dos participantes desse grupo por meio de treinos sucessivos, tendo em vista, que a emissão de respostas incorretas diminuiu de frequência entre uma fase experimental e outra. No grupo experimental Falante –

Ouvinte nota-se o efeito teto, ao verificar que todos os participantes apresentaram dependência funcional nas três fases experimentais sem que fossem emitidas respostas incorretas. Apenas a participante Cristina emitiu resposta incorreta no teste colateral de ouvinte, sendo apresentada pela participante apenas uma resposta incorreta na segunda fase experimental, o que caracteriza dependência funcional, uma vez que o critério de responder corretamente pelo menos 70% de respostas foi alcançado.

Discussão

Esta monografia teve como objetivo inicial, (1) investigar a dependência e independência funcional em adultos. (2) Analisar se adultos são capazes de realizar a transposição entre os repertórios de ouvinte/falante e falante/ouvinte. Como também, (3) verificar a influência dos treinos sucessivos no processo de aprendizagem do participante. Assim como, (4) verificar se este estudo replica os resultados apresentados por outros experimentos realizados na mesma área.

Antes que se desse início ao experimento, o participante era submetido ao treino ecóico. No treino ecóico o participante entrava em contato com as topografias que seriam utilizadas durante as três fases experimentais. O experimentador só dava início à primeira fase experimental depois que o participante pronunciasse, de forma correta, duas vezes cada topografia. Assim, excluía-se a hipótese da independência funcional pelo fato de o participante não conhecer e não conseguir pronunciar corretamente as topografias utilizadas no estudo. Cabe lembrar que as topografias foram inventadas para o experimento, sendo todas trissílabas e sem significado prévio.

A escolha de imagens desconhecidas deve-se ao fato do controle intraverbal percebido no estudo de Germano (2010). Em seu estudo, foram utilizadas figuras conhecidas, como por exemplo, a imagem de um óculos. Assim, os participantes podem ter relacionado as sentenças emitidas (OE Condicionada Transitiva) às imagens conhecidas, e não às topografias treinadas. As imagens conhecidas fortalecem o controle intraverbal se comparado com imagens desconhecidas. Mesmo na última fase experimental de Germano, na qual foram utilizados símbolos desconhecidos, os participantes se depararam com figuras próximas a formas geométricas, tornando possível a ocorrência do intraverbal, pois, poderiam relacioná-las às imagens geométricas parecidas. Dessa forma, no presente estudo foram utilizadas imagens de paisagens desconhecidas pelos participantes nas três fases experimentais, tendo

como finalidade evitar a ocorrência do controle intraverbal nas repostas emitidas pelos participantes.

Diferentemente de outros estudos realizados, na presente monografia após realizar-se o treino, seguido pelo teste colateral e treino do repertório testado, acrescentou-se em cada fase experimental teste do primeiro repertório treinado e um segundo teste do segundo repertório treinado. Por meio destes testes foi possível verificar o desempenho do participante após receber treino direto em ambos os repertórios. No caso do grupo experimental Ouvinte – Falante, os participantes receberam treino de ouvinte, teste de falante, treino de falante, teste de ouvinte e teste de falante.

De acordo com o ponto de vista teórico, diferentemente de crianças, adultos são capazes de realizar a transposição de um repertório para outro, por apresentarem um repertório verbal amplo, o que não ocorre em crianças. No entanto, nota-se no presente estudo, como no estudo realizado por Germano (2010), os quais tiveram como participantes adultos, independência funcional apresentada pelos adultos e resultados similares aos resultados apresentados por crianças em estudos realizados anteriormente. Dessa forma, percebe-se que apesar de possuírem um repertório verbal amplo, se comparado ao repertório verbal de uma criança, não há garantias de que adultos sejam capazes de realizar a transposição de um repertório comportamental para outro.

No primeiro grupo experimental, Grupo Ouvinte – Falante, percebe-se que cinco participantes apresentaram independência funcional na primeira fase experimental. Apenas a participante Júlia conseguiu realizar a transposição do repertório de ouvinte para o repertório de falante, apresentando dessa forma, dependência funcional. Na segunda fase experimental, assim como Júlia, Lucas também apresentou dependência funcional ao realizar a transposição entre os repertórios. Já na terceira fase experimental, Lucas apresentou um declínio em seu rendimento, não conseguindo realizar a transposição entre os repertórios, e assim, novamente

apresentou independência funcional, como havia ocorrido na primeira fase experimental. Júlia novamente apresentou dependência funcional. E Pedro, na terceira fase experimental também apresentou dependência funcional, sendo possível notar uma melhora em seu desempenho ao longo das três fases experimentais. Os demais participantes deste grupo experimental; Marina, Daniela e Cíntia apresentaram independência funcional nas três fases experimentais.

Tal dado foi observado por Germano (2010), uma vez que em seus resultados cinco participantes do grupo Ouvinte – Falante apresentaram independência funcional na primeira fase experimental. Ou seja, apenas um participante conseguiu realizar a transposição. O que significa que ao receber o treino no repertório de ouvinte o participante conseguiu se comportar como falante sem que fosse preciso o treino direto neste repertório. Assim como apresentado por Germano, na presente monografia, na primeira fase experimental do grupo Ouvinte – Falante, apenas um participante apresentou dependência funcional. Enquanto que os demais participantes não conseguiram realizar a transposição entre os repertórios, o que caracteriza independência funcional, seguindo os critérios estabelecidos para a pesquisa. Tanto no presente estudo como no estudo realizado por Germano, o rendimento dos participantes desse mesmo grupo foi melhor na terceira fase experimental, na qual dois participantes realizaram a transposição entre os repertórios de ouvinte e falante. Ainda no grupo Ouvinte – Falante de Germano, nota-se um aumento no repertório não verbal dos participantes, o que também ocorre na presente monografia.

Alves e Ribeiro (2007) apontam que na primeira fase experimental os participantes apresentaram tanto dependência funcional como independência funcional. É possível observar tal fato no grupo Ouvinte – Falante da presente monografia. Nesse grupo, assim como nos resultados apresentados por Alves e Ribeiro (2007), percebe-se dependência e independência funcional de acordo com as respostas emitidas pelos participantes na primeira fase experimental, no entanto, apenas um participante apresentou dependência funcional nessa

fase. De acordo com Alves e Ribeiro, na terceira fase experimental a maioria dos participantes apresentou dependência funcional. Tal fato não ocorreu neste estudo dentro do grupo experimental Ouvinte – Falante, tendo em vista que na segunda e terceira fases experimentais apenas dois participantes conseguiram realizar a transposição entre o repertório de ouvinte e o repertório de falante. Apenas um participante apresentou dependência funcional nas três fases experimentais, a participante Júlia. Na segunda fase, além de Júlia, Lucas também apresentou dependência funcional, e na terceira fase Pedro, como mencionado anteriormente.

Ao analisar cada participante do grupo experimental Ouvinte – Falante, é possível perceber que durante os primeiros testes colaterais de falante, todos os participantes diminuíram o número de respostas incorretas entre uma fase experimental e outra. É possível que essa melhora no desempenho dos participantes esteja relacionada aos treinos sucessivos realizados no experimento. Ou seja, quanto maior o treino realizado com o sujeito, melhor o seu desempenho para realizar a transposição entre os repertórios verbais. Um exemplo é a participante Marina, a qual emitiu o maior número de respostas incorretas no primeiro bloco de tentativas da primeira fase experimental. Já na terceira fase experimental, Marina precisou de apenas um bloco de tentativas para alcançar o critério estabelecido e emitiu um menor número de respostas incorretas se comparada com as outras fases experimentais. O mesmo percebe-se nas respostas incorretas emitidas por Marina nos primeiros testes colaterais de falante, tendo em vista, que a participante emitiu menos respostas incorretas na segunda fase, se comparada com a primeira fase experimental, e menos respostas incorretas na terceira fase, comparando-a com as duas fases anteriores.

Córdova (2008) e Medeiros e Bernardes (2009) demonstram em seus estudos a necessidade de um treino mais extenso no primeiro operante treinado do primeiro par de bonecos, sendo o tempo de treinamento do operante menor em cada par de bonecos subsequentes. A ordem do treino realizado foi estabelecida de acordo com o grupo no qual o

participante se encontrava, mando ou tato. É possível encontrar dados semelhantes aos apresentados por Córdova e Medeiros e Bernardes (2009) no presente estudo, ao verificar que o número de tentativas necessárias para que o critério de treino fosse alcançado era maior nos primeiros blocos de tentativas da primeira fase experimental. Apesar de cada fase experimental ser realizada em um dia e com cartões diferentes, nota-se uma melhora nas respostas emitidas pelos participantes e no número de tentativas necessárias para que o treino fosse concluído.

Embora os resultados desta monografia não mostrem no grupo Ouvinte – Falante predomínio de dependência funcional é possível perceber a influência de treinos sucessivos no desempenho dos participantes, tendo em vista, que o número de respostas incorretas diminuiu de uma fase para outra, como também, o número de blocos de tentativas necessários para que fosse alcançado o critério. No estudo de Medeiros e Bernardes (2009) também é percebido dependência e independência funcional, uma vez que duas participantes conseguiram realizar a transposição do mando para o tato logo no primeiro par de bonecos da primeira fase experimental, enquanto que os outros dois participantes, apesar de não realizarem a transposição entre os operantes verbais, apresentaram efeito de treino sucessivo.

Segundo Córdova (2008), o grupo experimental mando – tato necessitou de um treino mais extenso, porém, com menos pares de bonecos para que o critério fosse alcançado. Já o grupo tato – mando precisou de um treino menos extenso, mas utilizou mais pares de bonecos para alcançar o critério estabelecido. Tal dado também é verificado nos resultados apresentados neste estudo, tendo em vista que no grupo Falante – Ouvinte foram necessários mais blocos de tentativas de treinamento se comparado ao grupo Ouvinte – Falante.

Diferentemente do grupo experimental Ouvinte – Falante, no grupo Falante – Ouvinte todos os participantes apresentaram dependência funcional nas três fases experimentais. No segundo grupo experimental, os participantes foram treinados a se

comportar como falantes, e depois testados como ouvintes. Nota-se que durante os testes colaterais, apenas a participante Cristina emitiu uma resposta incorreta no teste colateral de ouvinte, sendo esta resposta incorreta emitida na segunda fase experimental.

Germano (2010) apresenta em seus resultados dependência funcional em todos os participantes, na primeira e segunda fase experimental. Ou seja, os seis participantes realizaram a transposição do repertório produtivo (falante) para o repertório receptivo (ouvinte). A presente pesquisa corrobora este dado levantado por Germano, uma vez que no grupo experimental Falante – Ouvinte todos os participantes realizaram a transposição entre os repertórios, o que caracteriza a dependência funcional. Porém, neste estudo a dependência funcional ocorreu também na terceira fase experimental em 100% dos participantes desse mesmo grupo, o que não ocorreu em Germano, onde apenas dois participantes apresentaram dependência funcional. Dessa forma, é possível observar um melhor rendimento nos participantes do grupo Falante – Ouvinte da presente monografia se comparado aos participantes deste mesmo grupo do experimento realizado por Germano. Esse dado pode ser explicado por meio de um possível controle intraverbal que pode ter exercido influência nas respostas emitidas pelos participantes, diminuindo o rendimento dos participantes na terceira fase experimental.

Os participantes do grupo Falante – Ouvinte necessitaram de mais blocos de tentativas para atingir o critério e passar para a etapa de teste colateral, se comparados aos participantes do grupo Ouvinte – Falante. Assim, receberam o treino direto por mais tempo. Percebe-se nos participantes do grupo Falante – Ouvinte uma melhora em seu desempenho, tendo em vista, que na primeira fase experimental foram necessários mais blocos de tentativas que nas demais fases experimentais. Como também, o número de respostas incorretas durante o treino diminuiu no decorrer do experimento. Nos testes colaterais apenas uma participante emitiu resposta incorreta, os demais participantes realizaram a transposição com 100% de

respostas corretas.

Tal dado também foi observado por Medeiros e Bernardes (2009), ao perceber que o número de bonecos necessários para que se alcançasse o critério foi diminuindo ao longo das fases, o que mostra um efeito nos treinos sucessivos. Ou seja, na primeira fase experimental os participantes precisavam de mais pares de bonecos para que o critério fosse atingido na segunda fase experimental, por exemplo. De acordo com os resultados apresentados por Medeiros e Bernardes, é possível observar que os efeitos de treinos sucessivos foram muito mais claros quando analisados dentro de uma mesma fase experimental, que em fases diferentes. Segundo Medeiros e Bernardes, os treinos sucessivos podem facilitar o estabelecimento de repertórios de transposição.

Segundo Lee (1981, citado em Mousinho & cols., 2004), ao reforçar respostas verbais padrão ou invertidas, tanto as respostas verbais como as respostas não verbais tiveram um aumento significativo na quantidade de respostas corretas emitidas pelos participantes. Porém, ao reforçar as respostas não verbais emitidas pelos participantes, apenas o repertório não verbal foi influenciado. Lee apresenta então, transferência unidirecional falante – ouvinte, ou seja, ao treinar o repertório verbal de falante, o participante realizou a transferência entre os repertórios e se comportou como ouvinte. Tal transferência está relacionada ao repertório no qual o participante é treinado inicialmente, uma vez que foi possível perceber a transposição entre os repertórios, apenas em participantes que receberam o treino direto no repertório de falante. Lee afirma não existir elementos comuns capazes de mediar à generalização entre os repertórios verbais, uma vez que as respostas verbais e não verbais são pertencentes a classes diferentes de topografia. Segundo Lee há uma distinção entre adquirir novas topografias e modificar o controle de estímulos de topografias pré-existentes no repertório do sujeito.

Assim como observado por Lee (1981, citado em Mousinho & cols., 2004) em seus

experimentos, também é possível observar na presente monografia que no treino da linguagem receptiva – repertório de ouvinte há influência significativa na emissão de respostas não verbais. Enquanto que no treino da linguagem produtiva – repertório de falante há influência significativa na emissão de respostas verbais e não verbais. No entanto, alguns participantes realizaram a transposição entre o repertório de ouvinte para o repertório de falante em fases experimentais distintas. Tal fato pode ser relacionado à história de vida do sujeito, uma vez que este pode ter passado por modelagens que podem propiciar um aumento na probabilidade de estabelecimento de repertórios de transposição deste participante se comparado aos demais. O que talvez explique o rendimento da participante Júlia no grupo experimental Ouvinte – Falante, uma vez que apenas essa participante conseguiu realizar a transposição entre os repertórios apresentando assim, dependência funcional nas três fases experimentais. No final do experimento a participante relatou ter participado anteriormente de cursos de memorização e leitura, o que pode ter facilitado a transposição entre os repertórios de ouvinte e falante.

Tanto Germano (2010) como Lee (1981, citado em Mousinho & cols., 2004) demonstram que ao ser treinado de forma direta no repertório produtivo, ou seja, no repertório de falante, os participantes têm uma melhora no repertório de falante, como também, no repertório de ouvinte. Este dado também é observado nos resultados desta pesquisa, uma vez que o segundo grupo experimental, o qual recebeu como primeiro treino o repertório de falante, conseguiu realizar a transposição entre os repertórios, e ao longo das fases experimentais apresentaram melhoria em ambos os repertórios comportamentais, falante e ouvinte. Percebe-se então, que ao treinar o participante no repertório de falante o mesmo apresenta aumento no repertório de falante e ouvinte, o que não aparece quando o treino ocorre no repertório de ouvinte.

Córdova (2008) apresenta entre os erros emitidos pelos seus participantes, os

operantes genéricos. No entanto, na medida em que se avançava com os pares de bonecos as respostas genéricas diminuía dando lugar para as respostas específicas. Percebem-se dados semelhantes no presente estudo, considerando os erros sob o controle de semelhança entre respostas, ou seja, a emissão de topografias parecidas com as utilizadas no estudo, como por exemplo, quando o participante verbalizava SUNEJO ao invés de SUNEJA. Como observado por Córdova, as respostas genéricas, ou erros sob o controle de semelhança entre respostas diminuía de frequência ao serem corrigidas pelo experimentador, enquanto a frequência de respostas mais precisas aumentou ao serem reforçadas.

Conclusão

Com base nos pontos discutidos acima a respeito dos resultados apresentados pelo grupo Ouvinte – Falante, Falante – Ouvinte e, estudos correlacionados apresentados no corpo deste trabalho, recomendar-se-ia mais estudos com a finalidade de investigar a independência funcional.

O presente estudo apresentou resultados semelhantes aos de Lee (1981, citado em Mousinho & cols., 2004), Alves e Ribeiro (2007), Córdova (2008), Medeiros e Bernardes (2009) e Germano (2010). Tendo como base o estudo realizado por Germano, na presente pesquisa foram utilizadas imagens de paisagens desconhecidas para evitar efeito de controle intraverbal, e com relação às fases experimentais, foi realizado teste no primeiro repertório treinado e novamente teste colateral do segundo repertório treinado, estes testes foram realizados após o treino direto do segundo repertório comportamental. Os testes realizados no final de cada fase experimental confirmavam a aprendizagem do participante nos repertórios comportamentais, após receberam treino direto nesses repertórios.

Os resultados apresentados nesta pesquisa ampliaram o estudo realizado por Germano, tendo em vista, que no grupo Falante – Ouvinte todos os participantes apresentaram dependência funcional nas três fases experimentais. Também foi possível perceber nesse grupo, uma melhora significativa no repertório verbal, como também, no repertório não verbal. Este dado não foi possível de ser observado no grupo Ouvinte – Falante, neste apenas o repertório não verbal apresentou mudanças significativas. Ainda no grupo Ouvinte – Falante houve predomínio de independência funcional nas três fases experimentais.

É perceptível a influência dos treinos sucessivos na aprendizagem de repertórios comportamentais. Embora no grupo Ouvinte – Falante a maioria dos participantes não tenham apresentado dependência funcional, o número de respostas incorretas diminuiu ao longo das

fases, tanto nos treinos como nos testes colaterais, o que também pode ser percebido no grupo Falante – Ouvinte. No grupo Falante – Ouvinte houve a necessidade de um treino mais extenso no repertório de falante. Segundo Córdova (2008), há necessidade de um treino mais extenso no primeiro operante treinado, sendo o treino realizado em menor número de blocos de tentativas, ou em tempo menor em cada etapa subsequente. De acordo com Medeiros e Bernardes (2009) o treino sucessivo pode facilitar o estabelecimento do repertório de transposição. Ou seja, quanto maior o treino realizado com o participante, melhor o seu desempenho para realizar a transposição entre os repertórios verbais.

Lee (1981, citado em Mousinho & cols., 2004) afirma existir uma distinção entre adquirir novas topografias e modificar o controle de estímulos de topografias pré-existentes no repertório do sujeito. Assim, é preciso que se realizem novas pesquisas a cerca deste tema. Pesquisas feitas sobre a independência funcional realizadas com crianças e adultos podem trazer grandes contribuições para o sistema de educação, pois por meio dos dados apresentados nesses estudos, tonar-se-á possível aperfeiçoar o processo de aprendizagem, ao formular novas metodologias de ensino.

A fim de investigar melhor a independência funcional, sugere-se que novos estudos sejam realizados. É interessante que se realize um estudo no qual é feito treino ecóico apenas das palavras usadas em cada fase, antes de cada fase. Como também, um experimento que manipule diretamente a quantidade de treino.

Assim como em Germano (2010), a metodologia utilizada no presente estudo não foi capaz de evitar o efeito teto no grupo Falante – Ouvinte. Dessa forma, sugere-se a realização de um novo estudo alterando a metodologia, de forma a evitar o efeito teto, permitindo o teste da hipótese de treino sucessivo, como foi possível verificar no grupo Ouvinte – Falante. Um exemplo de estudo seria a realização do treino de tato, seguido por teste de ouvinte e depois, teste de mando.

Referências Bibliográficas

Alves, C. & Ribeiro, A. F. (2007). Relações entre tatos e mandos durante a aquisição. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, IX, (2), 289-305.

Córdova, L. F. (2008). *Efeito de treino sucessivo sobre o comportamento de transposição entre os operantes verbais mando e tato*. Tese de Doutorado aprovada pelo Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília. Brasília, DF.

Córdova, L. F.; Lage, M. & Ribeiro, A. F. (2007). Relações de independência e dependência funcional entre os operantes verbais mando e tato com a mesma topografia. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 3, 279-298.

Germano, F. S. S. (2010). Relação entre treinos sucessivos e emissão de comportamento de transposição entre as funções de falante e ouvinte. Monografia apresentada para conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Brasília, DF.

Lage, M., Mousinho, L. S., Córdova, L. F. & Ribeiro, A. F. (2004). Independência funcional entre os repertórios de ouvinte e falante e na aprendizagem de uma segunda língua. In: M. Z. S., Brandão; F. C. S., Conte; F. S., Brandão; Y. K., Ingberman; V. M., Silva & S. M., Oliane. (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição – Contingências e metacontingências: contextos socioverbais e o comportamento do terapeuta*, 13, 138-143. Santo André: ESETec.

Medeiros, C. A. (2002). Comportamento verbal: o que é? E como vem sendo estudado? In: A. M. S., Teixeira; M. R. B., Assunção; R. R., Starling & S. S., Castanheira et al. (Orgs.) *Ciência do Comportamento – Conhecer e Avançar*. [160-172], v.1. Santo André: ESETec

Medeiros, C. A. & Bernardes, M. C. (2009). O estabelecimento de repertório de transposição entre mandos e tatos durante a aquisição de nomes de posições. *Revista Brasileira de Análise*

do Comportamento, v. 5, 2, 51-68.

Miguel, C. F. (2000). O Conceito de Operação Estabelecedora na Análise do Comportamento.

Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16, 259-267.

Mousinho, L. S.; Córdova, L. F.; Lage, M. & Ribeiro, A. F. (2004). Dados empíricos sobre independência funcional entre repertórios verbais. In: M. Z. S., Brandão; F. C. S., Conte; F. S., Brandão; Y. K., Ingberman; V. M., Silva & S. M., Oliane. (Orgs.). *Sobre Comportamento e Cognição – Contingências e metacontingências: contextos socioverbais e o comportamento do terapeuta*, 13, 144-150. Santo André: ESETec

Ribeiro, A. F., Lage, M., Mousinho, L. S. & Córdova, L. F. (2004). Independência funcional entre operantes verbais. In: M. Z. S., Brandão; F. C. S., Conte; F. S., Brandão; Y. K., Ingberman; V. M., Silva & S. M., Oliane. (Orgs.). *Sobre Comportamento e Cognição: Contingências e metacontingências: contextos socioverbais e o comportamento do terapeuta*, 13, 135-137. Santo André: ESETec

Skinner, B. F. (1957/1978). *O Comportamento Verbal*. (Maria da Penha Villalobos, trad.) São Paulo: Cultrix.

ANEXOS

Anexo I – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

“Transposição entre repertórios de falante e ouvinte em adultos”

Instituição dos pesquisadores: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Professor(a) orientador(a)/Pesquisador responsável: Carlos Augusto de Medeiros

- Este documento que você está lendo é chamado de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ele contém explicações sobre o estudo o qual está sendo convidado a participar.
- Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso aceite participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.
- Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivo do estudo

- O objetivo específico deste estudo é investigar condições de treino que favoreçam o estabelecimento do repertório de transposição entre comportamentos de falante e ouvinte.

Procedimentos do estudo

- A sua participação consiste em emitir verbalizações acerca das imagens dispostas sobre uma mesa.
- Nesse estudo, você aprenderá a nomear imagens. Serão treinadas algumas palavras para nomear as imagens e testado se você consegue usar as mesmas palavras para responder as sentenças pronunciadas pelo experimentador. Nas tentativas de treino, seus acertos serão seguidos de reforços verbais.

Caso queira desistir de participar do estudo, basta que peça ao experimentador e automaticamente será desligado do estudo. De qualquer forma, não será solicitado a você que justifique a sua saída, a qual não será seguida de crítica ou qualquer penalidade.

Riscos e benefícios

- Este estudo não possui maiores riscos que são inerentes do procedimento de aprendizagem verbal. Medidas preventivas serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisará realizá-lo.

- A sua participação poderá ajudar no maior conhecimento sobre a maneira como o ser humano aprende a se comportar verbalmente com novas palavras sem a necessidade de um treinamento direto em todas as funções verbais.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- A sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com o pesquisador responsável.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Os seus dados serão manuseados somente pelo pesquisador e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações ficará guardado sob a responsabilidade do professor Carlos Augusto de Medeiros com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar o seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Eu, _____ RG _____,
após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Brasília, ____ de _____ de _____

Participante

Pesquisador(a) responsável, telefone/celular 9958-7874

Pesquisador auxiliar, telefone/celular 8103-0625

Anexo II – Imagens, topografias e sentenças (OEC's Transitivas)**CIDADES**

PELOMI - Você acaba de comprar um barco, e quer aproveitar o sol com os amigos. Me diga para onde você quer que eu te leve?



MATROLI - Você não pode sair de casa sem protetor solar e garrafinha de água. Me diga para onde você quer que eu te leve?



RUDIPE - Você tem visão empresarial e deseja fazer grandes negócios. Me diga para onde você quer que eu te leve?



SIMOFA - Você não gosta de calmaria e nem de se sentir só. Me diga para onde você quer que eu te leve?



ZAMOTA - Você não tem carro, e no dia a dia utiliza transporte coletivo em massa. Me diga para onde você quer que eu te leve?



FAZENDA

ROFIMA - Ao acordar você gosta de tomar leite tirado na hora. Me diga para onde você quer que eu te leve?



PAZONO - Nos finais de semana você costuma cavalgar. Me diga para onde você quer que eu te leve?



DEMIRA - Está na época de preparar a terra para o plantio. Me diga para onde você quer que eu te leve?



BIVUTA - Você vai passar o final de semana com boa música. Me diga para onde você quer que eu te leve?



SUNEJA - Você vai passar o feriado com os amigos, e a casa vai ficar cheia. Me diga para onde você quer que eu te leve?



PRAIAS

GARILO - Você não vê a hora de entrar de férias e aproveitar a sombra e água fresca. Me diga para onde você quer que eu te leve?



LEBORI - Você adora mergulhar com os peixes em águas claras. Me diga para onde você quer que eu te leve?



COPESU - Está na hora de estrear sua prancha nova. Me diga para onde você quer que eu te leve?



PULINU - Neste calor não há nada melhor que uma água de coco gelada. Me diga para onde você quer que eu te leve?



ZILINA - As vezes é preciso ficar só e incomunicável. Me diga para onde você quer que eu te leve?



Observação: As imagens acima representam os cartões utilizados no experimento, porém, em tamanho reduzido.

Anexo III – Treino Ecóico**TREINO ECÓICO**

- PELOMI
- MATROLI
- RUDIPE
- SIMOFA
- ZAMOTA
- ROFIMA
- PAZONO
- DEMIRA
- BIVUTA
- SUNEJA
- GARILO
- LEBORI
- COPESU
- PULINU
- ZILINA

Anexo V – Protocolo de Registro de Teste**Fase Experimental** _____**Teste no Repertório** _____

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	